

[ROMANCE]

MANUELA

Bárbara Luisa Martins Wieler

[[[]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 



MANUELA

Bárbara Luisa Martins Wieler



Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho

Editora Chefe

Eliane Arruda

Revisão

Carlos Alexandre Venancio

Preparação dos arquivos e capa

Manuela Sanchez

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

W646m Wieler, Bárbara Luisa Martins.
Manuela / Bárbara Luisa Martins Wieler. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
54 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-094-1 (impresso)
ISBN 978-65-5422-109-2 (e-book)

1. Drama. 2. Ficção. 3. Mulher. 4. Sol. I. Título. II. Assunto. III. Autora.

CDD 869.93
CDU 82-31(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira: ficção, romance.
2. Literatura: romance (Brasil).

WIELER, Bárbara Luisa Martins. **Manuela**. 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

MANUELA

Bárbara Luisa Martins Wieler



Manuela

Toalha estendida sobre o gramado, quase se confundia com a relva. Tecido fino, verde-água, lembrança de uma viagem à Tunísia, tanto tempo. Fazia sombra uma frondosa árvore, de uma majestade natural, imponência suave e acolhedora. De que seria? Pêssegos, cerejas, ameixas? Difícil adivinhar. Nunca fora boa em biologia, não nessa parte botânica, pteridófitas, dicotiledônias, drupas, sumos. Antes soubesse, antes tivesse privilegiado esse estamento. Quanta dor, quanta dor. Nunca cessaria? A planta, sim, sim, é vida, sem dúvida, um ser vivo, que respira, que se reproduz. Que morre. Mas não há alma, não há culpa. Não se pode falar em perda, em erro. Só em situações catastróficas, em virtude econômica. Se um cafezal inteiro for devastado por uma peste, uma chuva torrencial, haverá, sim, muita comoção e prejuízos, mas ninguém atribuirá a calamidade a um único ser humano. Ela não podia ser comparada a Deus, mesmo. Achou leve graça, quase esquecida. Sua cabeça era descontrolada, propunha sinapses impensáveis. Estratégia sabida, essa. Anestesiá-la com reminiscências, passados, bobearias e outros quietais. Quase. Mas a chaga era indelével, inextinguível. Como um papel de parede a adornar o cérebro, decora sem mudar muito o ambiente, mas fazendo-se sempre presente, sempre está lá, silencioso, perene, visível. Não há como sobrepujá-lo, sobrepô-lo.

Estendeu-se, lânguida, lagartixa preguiçosa. O sol estava convidativo, sensual. Sempre considerou aquele astro algo de divino, soberano lá de cima a nos esquentar, mortais, aqui embaixo. Redondinho, como nos desenhos infantis, sinuosos, gorducho, como as formas deliciosas, bombons, maçãs do amor, pizzas, o pecado da gula que nunca lhe foi aprazível, nunca se deleitou com uma fatia de bolo de chocolate escorrendo,

doce e sapeca. Preferia desfrutar outros pecados e refestelar-se em outros sabores, embriagada, faminta, insaciável. A carne adormecida, intacta, incendiada pelo amarelo ouro, deramando sua energia em sua pele, dourando-a, eriçando-a, despertando-lhe a sinestesia. A audição, apurada, percebia o riacho à frente seguindo seu curso, plácido. O calor incidia, radiava, uma sensação acolhida no baixo ventre. Despiu a saia, inquieta. Não suave, mas sentia-se orvalhada, uma onda quente tomando-lhe braços, pernas, subindo nos seios. Teve necessidade de arrancas a blusa, o sutiã, com vigor, com urgência. Remexeu-se sobre a toalha, o sol a perscrutá-la, invadindo suas células, amorenando-a. Cada vez mais arredoio, insidioso, tenaz. Sentia-se em uma bolha, protegida, uma aura brilhante a lhe contornar o corpo. As compotas erguidas, como se raios derretessem barragens isolantes, a calda liberada, inundando-a, úmida e viscosa. Podia ouvi-la também. O sol era uma pluma, a beijar-lhe com carinho joelho, coxas, umbigo. A luz âmbar acariciava, delicada, o bico do seio, mamilo duro a ganhar afagos de raios imaginários. Pequenas lambidas douradas, agora múltiplas, emanadas pela estrela, saltitavam por ela, irreprimíveis, fazendo-a contorcer-se. Não mais resistiria. Calor, calor, calor. A sensação, primeiramente terna, agradável, quase, como uma caixinha almofadada, revestida de conforto, desenhava, lápis aveludado ou de seda, vibrações a partir do cálice místico, residência inicial, onde a vida se fazia e se alimentava. Calor, calor, calor. Não importavam nomes científicos, definições anatômicas, dissecar, examinar, exumar, tudo tão frio, tão séptico, tão exploratório, o corpo visto como um manequim inanimado para realizar estudos, não, os músculos tesos, o sangue vigoroso, carmim, a carne pulsando (não era nome de filme B?), o desejo ali, recôndito, secreto, mas palpável. Agora não era momento para nomenclaturas, rótulos, CID. A confortável perturbação começou a dominá-la, transformando-se em um formigamento irrefreável. O sol, atrevido, parecia testá-la, mais petulante a cada rotação. Calor, calor, calor. Já estava nua. Os

dedos, independentes, sabiam o caminho, e seguiram instintivamente a pétala rósea pequenina. Calor, desespero, calor, quadris em movimentos circulares, os seios empinados, procurando uma réstia de luz, membros contraídos, olhos fechados. A estrela pulsante no epicentro de seu corpo implorando ser tocada. Fricção, violência. Como se mergulhasse no riacho e desposuída de sua consciência, apenas acolhesse todas as sensações. Minúsculos peixinhos a roçar-lhe a pele, sugando-a. Seria assim morrer? A iminência do desmaio. Esfregava-se na relva, os dedos irrequietos e melados, a mão espalmada no mamilo. Quis urrar. Uma luz vertia de ventre. Então veio.

Não sabe quanto tempo ficou desfalecida. Foi muito intenso, como nunca. Liberta da dor, da razão, das verdades, seu estado era de paz. Seu corpo houvera sido sacudido uma, duas, milhões de vezes. Estava exausta. Espasmos ainda lhe acometiam, e ela jazia quase inerte, entregue à deliciosa e inédita sensação. O sol realizava sua translação com particular satisfação. Já não sentia tanto calor. Nem angústia, nem medo, nem pesar. Queria deixar-se assim o resto da tarde, mas pressentiu um vulto, uma espécie de sombra. As pernas ainda abertas, abriu os olhos. Seria quase um índio, se não fosse loiro. A pele muito bronzeada, definida, azeitada. Caracóis loiros, cristais reluzentes e hipnóticos. Estava nu, explícito e sólido. Nada foi dito. Apenas olhares. Apartou um pouco mais as pernas, jogou a cabeça para trás, permitindo que ele desaguasse ali o desejo que alimentara ao vê-la, tão linda, há instantes. A volúpia havia amornado, e agora ela deixava-se amar com sofreguidão. Rabiscava as unhas naquele dorso mascavo, enrolava a canela em sua panturrilha, roçava pelos. A grande árvore a abençoá-los, fustigada pelo vento, lançava um aroma de amêndoas nos favônios. Dois bichos liquefeitos, entrelaçados, unificados. Bailarinos de um som monocórdio, serpenteavam-se, envolvidos pelo balanço cada vez mais agudo. Mais fundo. Mais. Explodiram. A língua dele à procura da dela, e o beijo aconteceu com tamanha intimidade e leveza que ela estreme-

ceu, quase encantada. Tinha gosto de mel. Abriu novamente os olhos, para vê-lo, estudá-lo, decorá-lo. Um menino. Um sorriso puro, honesto, de criança ardilosa e azougue. Sentiu vontade de abraçá-lo, mas percebeu-se, outra vez, vigiada. Não podia distinguir direito, mas sabia que havia uma plateia a segui-los. Dois grandes olhos, feitos a nanquim, a persegui-los do outro lado da correnteza. Não era um olhar de cobiça ou de vontade, como de seu curumim, era um contemplar ameaçador, inquisidor. Ficou assustada. Antes que ele pudesse pronunciar qualquer som, ela vestiu-se, afobada, e saiu correndo para a casa.

Manuela precisou controlar a respiração antes de subir a escadaria que levava ao casarão. Estava corada, os anéis do cabelo embaraçados. Precisava se recompor. A avó perceberia qualquer vestígio de desalinho. Ainda mais ela, aparência sempre impecável, qualquer torpor a denunciaria. Entrou na grande sala colonial, a mesa posta. Não teria tempo de dirigir-se ao seu quarto, tomar uma ducha, trocar a roupa. A avó era pontual. Escureceu, sinal que era horário do jantar. Não admitia atrasos e fazia questão de que todos os convivas compartilhassem a refeição. Está um pouco atrasada, Manuela. Lave as mãos e venha se sentar conosco, os outros já estão chegando. O relógio badalou 19h. Nunca, na cidade, jantava nesse horário. Aliás, nunca sequer jantava. Sustentava-se com sanduíches, barras energéticas, shakes milagrosos. O ritmo ali era próprio e único, o tempo parecia arrastar-se em uma velocidade muito peculiar. Chegara há uma semana, e às vezes parecia jazer há séculos ali, como os móveis, as plantações, as pessoas. Veja a avó, há quanto tempo não a via, e parecia tão igual como na última, mas tão mais velha. Os cabelos ainda muito escuros, mas as olheiras azuladas e profundas, sulcos emoldurando os lábios finos, um certo vagor nos passos. Não parecia cansada, mas severa. Taís, no entanto, vaporosa e lasciva, movimentava-se lépida pelos cômodos, solar, perigosa. Olhou-se no espelho. Conseguiria disfarçar? Molhou as têmporas, banhou com cuidado as mãos e passou os dedos pelas mechas desfeitas.

Como se para reconstituir-lhes a inocência, ensaboou e lavou mais demoradamente os punhos, as falanges, o torso e a palma, do modo como faria se fosse entrar em uma cirurgia. Assepsia completa. A respiração controlada, ao sair do toalete passaria por normal, ninguém a conhecia intimamente mesmo. A avó já a esperava na cabeceira, dona da casa e da vida. À sua direita, Amália, sempre pálida, sem viço, miúda, recostada no marido. Ao lado dele, Taís brincava, irrequieta, com os talheres de prata. O som do tilintar da faca na porcelana era irritante, mas todos pareciam vencidos para repreendê-la. Manuela notou os guardanapos de linho, bordados com tanto capricho. Um pouco de delicadeza. Ninguém incomodado com sua presença. Rescendia a açúcar, amêndoas e leite, e seu olor parecia fazer um rastro por onde andava. Uma nuvem doce com os vapores, invasiva e inoportuna, bailava ao seu redor, velando um segredo. Seu segredo. A criada surgiu da cozinha, os pratos preenchendo a mesa. Amália reclamava de algo com Vicente, talvez febre, talvez dor de cabeça. Falava sempre baixo, arrastado, mal dava para entendê-la. Taís, histriônica, quase gritava, a vozinha aguda de quem quer, precisa ser ouvida. Manuela esperava a vó servir-se primeiro, meio aérea, meio desconfortável na cadeira colonial, quando ele chegou. Fez-se dia, um clarão. Uma presença inquietante, você se lembra dele, Manuela? Seu primo, lembra? A mãe dele foi a única que não me deu trabalho, por isso ele pouco vinha aqui, enfim, imagino que vocês já tenham se encontrado por aí. Cauã, seu primo, seu curumim. Certamente, a pessoa que mais a conhecia naquele grupo. Não pôde piscar, passou as mãos sobre os seios, como se nua estivesse. E estava. Ele a fitava com o ardor de outrora, os cristais acesos, rútilos, a perfurá-las com sua fremência. A propósito, Manuela, aquela árvore perto do riacho é uma amendoeira. A avó sabia. De algum modo, ela sempre sabia. Ou adivinhava, ou previa, ou presentia. Jamais entendeu. O pai costumava chamá-la de “velha bruxa”. Demorou para perceber que o bruxa não era um adjetivo, mas um substantivo. Nunca a viu com

velas, orixás, baralhos, pedras, ervas, santos. Ela sequer rezava, nenhum terço ou rosário enfiado em algum sofá, na cabeceira da cama. Mas uma intuição, uma ligação espiritual misteriosa que a fazia mais do que dona de atos, dona de pensamentos. Como se o tabuleiro da vida de cada um deles estivesse aberto sob sua vista, e se não pudesse jogar os dados, ao menos visualizava para onde o jogo se encaminhava. Não adiantava esconder nada dela. Por isso, tinha certeza que ela conhecia a identidade do pai do bebê de Taís. A barriga já vistosa e ela relutante. Fez escândalo, ameaças, trancou-se no quarto. Ninguém arrancava o nome. Foi por essa época que Amália fez-se mais doente e fraca. Vicente, o único homem da casa, já não sabia a doença da mulher. Não tinha fome, empurrava umas colheradas de sopa, disfarçando. Taís devorava, faminta, legumes e pãezinhos. Era perceptível que ficara mais reluzente depois da chegada de Cauã. Falava sem parar, gesticulava, fazia beicinhos e carinhas, ora inocentes, ora indecentes. Chegava a tocá-lo. Cauã, sorriso estático, não demonstrava aprovar ou não aquela sinuosidade. De vez em quando, lembrava-se da presença de Vicente, fazia alguma brincadeira, encostava em seu rosto, em seus cabelos. Amália e Manuela pareciam inexistentes, figurantes mínimas diante da performance massacrante da estrela exibida. O Cauã chegou hoje, Manuela. Chegou e já se emaranhou por aí, ele é assim. Daqui a pouco vai embora, depois volta. Um bicho livre. Indomável. Deve causar estranhamento a você, urbana, estudada. Esse não se prende a nada. A avó interveio, cessando a cena de Taís. Sua fala soou antes como uma ameaça. Um alerta, talvez mais uma a disputá-lo, talvez conselhos sábios de uma mulher vivida. Quer andar a cavalo amanhã, prima? Você já conhece a fazenda? Manuela surpreendeu-se mais por ouvir a voz de seu índio do que por ele ter se dirigido a ela. Seria ótimo, respondeu a avó, está aí há uma semana e só hoje foi dar uma volta. Você vai, não vai, Manuela? Eu também vou, adoro cavalinhos, eu vou junto! Não, Taís, você fica. Você está grávida, esqueceu? O que me diz,

Manuela, ela não pode, não é mesmo? Manuela ajeitou-se na cadeira, tímida. Não sabia o quanto daquela encenação toda da irmã era verdade. Uma mulher provocante ou uma adolescente cansativa e inconsequente? Sim, é verdade, é perigoso para o bebê, Taís. Mulheres grávidas não devem andar a cavalo sob risco de aborto. Aborto. A palavra riscou o ar e zuniu no ouvido de todos. Como uma lâmina afiada e ensanguentada a gotejar o vermelho da morte e das entranhas estraçalhadas, o som das letras perfurou a mesa de jantar, respingando o peso do indizível entre todos. Amália, olhos vermelhos e molhados, pediu licença e levantou-se. Houve um silêncio, uma escuridão a sombrear o ambiente. A avó, sempre, dissipou a tempestuosidade armada. Bem, está decidido, amanhã Manuela e Cauã fazem o passeio, você fica, Taís. Vicente, você precisa controlar mais a Amália. É impossível viver assim, essa menina ainda cai morta. A avó finalizou o assunto, tenaz. Vicente pareceu um pouco perturbado. O olhar cansado de quem luta diariamente contra um inimigo invisível. As constantes interrupções na refeição, a falta de apetite, de viço, ataques de cólera, arrebos de choro e autocomiseração. Como se ele não sofresse também. Você vai gostar, Manuela, os cavalos da dona Augusta são lindos, mansinhos, bem tratados. Eu podia acompanhá-los também, mas imagino que Amália prefira ficar em casa. Vicente, foi há quase um ano. Não é normal essa depressão toda de Amália. Vive entocada, de luto. Não era hora de superar, tentar até outro filho? Estamos tentando, dona Augusta, mas. Manuela, você não pode examiná-la? Num ímpeto, Manuela foi arremetida novamente à conversa. Sua alma estava perdida, a olhar Cauã, seus cachinhos, os ombros bem desenhados, a voz mais grave do que supunha. Seu primo. Uns cinco anos mais novo. A mocidade a florada no riso fácil, nos olhos rasgadinhos. Nada de títulos, vocativos pomposos, jalecos e reverências. A natureza residia nele.

Foi o banho mais demorado que tomou desde que chegou. A água gelada parecia cristalizar em contato com a tez

abrasada. Ela sequer sentia a temperatura tão baixa. Passava a esponja com suavidade, produzindo muito espuma. A nuvem branca e perfumada deslizava como um merengue a decorar, macio e consistente, um desses cupcakes cheios de confeitos que ela via na vitrine, a caminho do hospital. Achava, inclusive, uma heresia os dois estabelecimentos estarem instalados tão próximos. Como se um pedacinho daquele manjar mandasse, imediatamente, o glutão a uma sala de exames, artérias entupidas, glicose nas alturas, cateterismo, IMC de sobrepeso. Pessoa metamorfoseada em paciente, em teorias, em prontuários. Precisava ser menos xiita. Menos chata. Talvez uma colherada de prazer não matasse ninguém. Nem ela. Esfregou o xampu de calêndula nas mãos, distribuindo-o por todos os fios. Jamais apercebera-se assim. Sempre pronta, sempre disposta. A flâmula do desejo a alvoroçar-lhe intermitente, os sentidos aflorados, o flerte com o sol. As gotas vinham, ela permitia-se banhar, as águas lavando eflúvios, provocando outros. Mesmo com o banho frio, sentia-se febril. Desligou a torneira.

O quarto parecia pertencer a uma princesa do século XVII. Quem sabe não pertencera? Naquela casa, tudo era mistério, tudo era sombrio. A vida flutuava pelos não-ditos, as verdades costuravam-se no silêncio. O avô, por exemplo. Quem foi, quando morreu? Ele existira, era certo. Viu um retrato, há tanto tempo, que a imagem da memória já o desbotara. Lembra-se, apenas, que era careca. Um bigode abaixo de uma cabeça lustrosa, e era só. A avó era tão firme que espantou qualquer vestígio do marido a macular seu poder. Sempre fora essa mulher? Olhou em volta, os móveis impecáveis, ainda que antiquíssimos. Quantos litros de lustra-móveis não seriam despendidos diariamente naquele casarão? Saramago repousava em sua cabeceira, esquecido naquela tarde. Na estante, Chico, Gal, Belle & Sebastian, Drummond. Tantas referências. Será que curumim conheceria alguma? Seria capaz amar alguém que não soubesse quem fora Godard, que nunca ouvira Mozart, que sequer lera Clarisse? E ela mesma, gostava disso tudo?

Entendia? Eles falavam a ela, sussurravam em sua alma? Eram clássicos, como ela. A postura erudita, refinada. Fotos bem posadas, quase ensaiadas, comida japonesa, sustentabilidade. Seu índio certamente pouco ia ao cinema. Isso o diminuía? Se ela pudesse escolher, o que carregaria na mala? Aquele pôster da Anne Guedes, tão fofinho, que teve vergonha de comprar. A essência maquiada segundo a paleta que lhe era apetitosamente impingida, e ela, passiva e pasteurizada, acatava, bovinamente. Mais domesticada que curumins. Viu-se inerte, compassiva, e lembrou-se do cadáver. Aquele sim, um boneco inanimado, cortado, perfurado, carregado de uma maca para a outra. Ela sentada, o cheio de éter a amortecer seus membros, a luz branca nunca fora tão fria. O jaleco tingido de sangue, de um vermelho-vivo, se isso não fosse uma irônica contradição. Seu cérebro, paralisado, mal conseguia elaborar a cena, quanto mais uma piada. Talvez nunca mais o fosse. Teve uma vertigem, como se aquele sangue pudesse ser seu, vertendo de suas vísceras, misturando-se ao outro, criando um riacho de plaquetas, coágulos e fim. Sentiu, pela primeira vez, o peso da morte, seu hálito viscoso preenchendo cada quadrado daquela sala.

Não queria reviver aquele dia. Esforçou-se para pegar o Saramago e continuá-lo. Uma catarse de sua vida, por algumas páginas. Talvez fosse mais produtivo ler algo como Bukowski. Mas com quem discuti-lo? Com Cauã, certamente, não. Parecia que ele não tinha preferência alguma literária. Esforçou-se para lembrar da tia, menos apagada que o avô, mas ainda tão distante. Da mãe de Amália, dessa sim, tinha bastantes memórias. Seu cabelo ruivo (só anos mais tardes que deduziu ser tinta), uma cinturinha fina, uma alegria descomunal. Dizia-se vegetariana, empurrando na filha brócolis, mostardas e agrião. A prima sempre teve aquela tendência nostálgica depressiva, descorada e quieta. Os incidentes alcoólicos tornaram-se habituais. Taís sequer nascida, à época. Cambaleava na escada do casarão, recitava poesia em frente ao espelho, conversava longa e filosoficamente com o relógio. Manuela, muito meni-

na, achava graça, no começo. Como passava pouco tempo na fazenda da avó, não dimensionava a enfermidade. Foi a mãe quem contou que a tia Dedé estava doentinha. Não entrou em detalhes, como era seu costume. Em pouco tempo, a notícia. Assim como a tintura, só anos mais tarde Manuela soube que fora suicídio. Dessa vez, sem evidências. Amália, em um dia qualquer da juventude de ambas, contou, com certa naturalidade, como fora. Tia Dedé se fora feliz. Mas a tia Nara, como era mesmo? Seria curumim parecido com ela? O frenesi, brevemente adormecido, voltou a arrepiá-la. Aquele desejo surdo, convulsivo e inebriante podia virar amor? Um sentimento que dá tontura catalisado em um sentimento que dá paz. E se fosse amor? As diferenças arrefecidas, o título nobre e dourado a apaziguar mundos antagônicos. Como em contos-de-fada. Acreditava nisso? Não era digna de amor. O livro caído sobre o rosto, adormeceu.

Não houve, nem de leve, batidas na porta. A enorme grossa tábuca de madeira (carvalho? Jacarandá?) apenas abriu-se e a luz cintilou por todo o ambiente. Não havia mais sombras. Ele estava lá. Não poderia se dizer que fora pega de surpresa. Intimamente, ou talvez nem tanto, ela ansiava por aquela visita. Como se em uma das furtivas trocas de olhares houvesse enviado a mensagem: estou à sua espera. Ele entendera, ele lia seu corpo. Trajava apenas uma calça de pijama, o peito púbere nu. Liso como um menino, mas largo o suficiente para ela se encaixar nele e tornar-se pequena. Aproximou-se da cama. Manuela quase sofria de expectativa, a ansiedade causava-lhe uma dor física. Como se uma borboleta pousasse em seu pescoço, seu curumim delicadamente começou a beijá-lo. Inexistia pressa, apesar da urgência. Trilhou o longo caminho com parcimônia e cuidado, explorando toda a extensão. Os olhos de Manuela, há muito fechados, apertaram-se quando os lábios, suculentos como uma nectarina recém-colhida, alcançaram seus ombros. Ela sequer o tocava, completamente dominada pela imersão de lambidas, roçares e mordiscadas. Os seios. As

almofadinhas rosadas pareciam sedentas por eles. Se de manhã não houve contato, agora os quatro, os lábios e os seios, eram apresentados com primor. A língua dava pinceladas leves e atrevidas em um, enquanto as mãos, filhas da terra, beliscavam o outro mamilo. A boca escorregava para o bico, sugando-o com a avidez e a satisfação de um recém-nascido em busca do leite de sua mãe. Manuela, delirante e passional, sentia como se o centro de seu corpo agora ali orbitasse, residindo em seu peito o prazer do mundo. Ela escorria, inundada de seiva elaborada. Cauã, particularmente deliciado, buliçoso, magistralmente imprimia a devida força em ousadas mordidinhas. Manuela sentia-se despertar, florescer, o corpo contorcendo-se, inquieto. Gemia baixinho, abafando todo seu torpor. Cauã deslizava sobre ela. Havia o arrepio, mas também havia o calor. Peregrino, o índio prosseguia a viagem, destemido e valente. A estada no umbigo prenunciava as borbulhas que sentiria em instantes. Fagulhas eram acesas a partir da combustão daqueles dois corpos. A respiração, descompassada, ditava o ritmo dos carinhos de Cauã. Finalmente, chegou ao lugar almejado. Antes de tocá-la, ele olhou-a, firme e alegremente. Manuela quase explodia. Foi um momento de contemplação, ela nunca fora tão admirada. Com muita ternura, o índio aproximou-se da pérola. Beijou-a, sentindo seu perfume. Único. Tocou com os dedos nas conchas que a guardavam, abrindo-as para desabrochar a madrepérola. Apanhou-a na boca, como se a envernizasse. Com o queixo, provocava uma espécie de cócegas no interior de suas coxas, mas não. Era outra sensação.

Manuela sentia que poderia morrer a qualquer momento. Os gemidos aumentavam, um grito crescia em sua garganta. Cauã voltou, encantado, ao motivo de sua visita. Com sofreguidão, sorveu seu cálice, bebendo o sagrado mistério que era emanado. Sua língua, em giros, rodopiava, de cima a baixo, suave, forte, intensa. Cada vez mais no centro. O licor fluidificado cresceu. Manuela não mais resistiu. Um urro rouco e pungido saiu-lhe, enquanto era abalada por tremores e febres.

Cauã apenas a observou, satisfeito. Depois de seu frenesi, beijou-a na boca, língua adocicada pelo seu sumo. Não podia dormir sem isso, prima. E foi embora. Manuela não queria, mas cochilou logo após sua saída. Tão relaxada. Tão desarmada. Preferia pensar. Elucubrar. Administrar emoções. Sempre fora boa nisso, em pensar. Mas, ao lado de Cauã, o verbo era outro. Sentir. Deixar. Aquiescer. Súbita vontade de ligar para o pai. Uma saudade azedinha. Sortuda. Quem tinha um pai como ele? Ele, o pai, que não fora tanto. Casar-se com uma dodivana como sua mãe. Bem, mas ela estava ali. Algo restou. Teve sede. A garganta seca de quem praticou uma intensa atividade física, como uma corrida extenuante. O trajeto entre o quarto e a copa era longo. Ainda mais por ser percorrido em um corredor escuro, deserto de vida. O casarão era excessivamente marrom, envernizado pelas sombras, polido pela cor ocre das madeiras que o decoravam. À noite, ainda que houvesse luminárias, lâmpadas, castiçais, a casa mergulhava numa densidade negra, penumbra impenetrável, breu em que residiriam aflições e fantasmas e segredos. O apartamento de Manuela era branco, bege, caramelo, salmão, coral. Uma ou outra almofada rosa, lilás, verde-água, roxa, azul celeste. Andou acuada. Passou pelo relógio, uma das relíquias da família. Pesados pêndulos de ouro, o tic-tac indelével e intermitente. Aqueles ponteiros já haviam presenciado tanta vida, tanta falta de vida. O som do badalar, sóbrio, rasgado e grave, sempre lhe remetia à morte. Pelo menos faltavam uns bons quarenta minutos para o próximo anúncio. A cozinha também estava apagada, mas uma réstia da luz da noite, teimosa, vencia a janela. Tentou ser rápida. Enquanto fechava a geladeira, foi surpreendida. Vicente. Ele também sentira sede. Manuela, embora tenha dissimulado, assustou-se. Não colocara nem um roupão para sair do quarto. Vestia uma camisola de seda, muito leve. Babadinhos no decote, alças, pequena fenda. Era reveladora. O peso do olhar de Vicente sobre seu corpo a incomodou sobremaneira. Seu corpo recém-amado, recém- venerado. Ele não disfarçou. Não foi

um olhar comprido de duração, mas quase promíscuo em sua penetração. Uma mescla de repugnância – Amália jamais se vestiria como uma... – com desejo. Talvez na manhã seguinte tal olhar fosse significativo, como se contribuísse para atestar uma desconfiança, endossá-la ou esclarecê-la de vez. Era um olhar argumento. Manuela sentiu-se invadida, mais exposta do que nos momentos que antecederam sua ida à cozinha. Encolheu-se diante da pia. Vicente, era certo, não iria atacá-la ali. Corpulento, enorme, mãos grossas e calosas, era um contraste nítido com uma Manuela vermelha e intimidada. Os segundos pareciam congelados, a vida estagnada naquela copa sertaneja. Talvez ficassem naquelas mesmas posições por ainda muito tempo, se não fosse um vulto na porta. Foi bastante rápido, mas perceptível para ambos. Longo, gatuno. De alguém que não quer ser notado, mas estava ali há algum tempo. Manuela não teve dúvidas, aquela pessoa era a mesma que a vigiara no riacho. Não podia dizer que detalhe que o identificara, pois sequer conseguira fitá-lo nos olhos. Era um pressentimento tão forte e genuíno que dispensava provas. Em silêncio, Manuela atemorizada, ela e Vicente seguiram para seus respectivos aposentos.

Apesar do susto no fim da noite, Manuela adormeceu como há tempo não fazia. Deixou-se abandonar na cama, exausta, e só foi acordada quando o dia claro se anunciou através das cortinas. Sentia-se descansada, quase leve. E faminta. Então era isso que chamavam de fome de amor? Os ruídos da cozinha eram menos assustadores pelo volume do que pelo conteúdo, entretanto. Via da porta Amália, Taís, Vicente. A avó não estava lá. Nem Cauã. Titubeou se entrava ou voltava para o quarto. A curiosidade, contudo, era envolvente e sedutora, mais do que o constrangimento. Esse bebê não vai nascer, não vai! Deus há de ser justo, uma vez na vida eu serei glorificada, e essa criança não vai vingar. Nunca vira Amália tão apaixonada. Estava exaltada, era claro, mas como se possuída por uma entidade. Taís, quase plácida, comia famélica uma maçã. Mordidas

demoradas e zainas, a fitar Vicente. Não pense que seu pecado ficará impune, Taís. Deus vê tudo, Deus há de me vingar. Essa criança é um demônio, é o fruto do pecado, do erro. Vocês dois não deveriam ter feito isso. Eu sei que vocês fizeram, eu sei, eu não vi, mas eu sei. Por que continua casada ainda, então? Taís finalmente se manifestava. Se você largar, eu quero... para gente viver nosso amor. E soltou uma risada ardilosa. Amália fez menção de esbofeteá-la, ao que foi impedida pelo marido. Vai defendê-la agora? Já fizemos coisas bem pior, prima. Você vai ver como meu filhinho vai ser ruivinho. Amália, por favor, eu já te disse que não sou pai dessa criança, nunca houve nada, por que você. Eu tenho culpa se você ficou frígida depois do aborto? Eu não sabia que eu era tão fértil, também, foram tantas vezes, e foi uma delícia. Taís chegava perto de Amália, provocante, pronunciando com demora cada sílaba, o hálito infantil da fruta. Fizemos amor, se-xo, tre-pa-mos, o Vicente me fo... Chega, chega, seu demônio, vocês dois vão morrer, vocês três, eu vou matar essa criança, eu vou, eu vou. O descontrole de Amália chamou a atenção dos empregados. Pelo amor de Santa Maria, parem vocês duas, parem! A cozinheira correu para apartá-las. Pare, por favor, dona Amália, eu te rogo. Saia daqui, Taís, isso não faz bem para o bebê. Por favor, parem! Margarida implorava, sinceramente comovida com a cena. Conscientemente, Manuela sabia que deveria tê-las separado, mas era irresistível saber até onde iria aquele circo de horrores. Essas duas nunca se deram, dona Amália sempre teve ciúmes de Taís, parece. Depois, aquela tragédia, aquele drama lamentável, a coitadinha parece que ficou transtornada e não voltou ao normal. A Taís também, é impossível. Não fala o nome do pai dessa criança. Todo mundo acha que é o seu Vicente, claro, o único. Mas não tem como ter certeza. Ele nega. E quem se atreveria a confirmar? Dona Amália não acredita, mas também não se separa, ela nunca vai se separar. Acho que ela é anêmica, coitadinha. Já fiz chás, fígados, umas sopinhas, mas ela se recusa a tudo. Quando estava, então, nada parava

no estômago, passava o dia na cama, vomitando. Já a Taís, essa não, jovem, né, tão jovem, já mãezinha, mas está forte, parece uma tourinha, come bem, come de tudo, nunca passa mal e ainda tem tempo de fazer má criação para a prima. A doutora me desculpe, eu sei que não deveria falar dela para a senhora, mas essa menina não tem o juízo normal, não, ela é terrível, desde pequena, aqueles olhinhos de maldade. E ainda fica se esfregando com o seu Vicente, Deus que me perdoe, eu sei que ele é homem e tudo, mas na frente da esposa? Manuela escutava atenta, enquanto comia um pedaço do bolo de laranja de Margarida. Era sua família, pessoas com seu DNA, mas parecia ser um relato escutado no rádio, com personagens tão nebulosos e distantes. Não se compadecia, não se assustava, não se surpreendia. Ouvia com paciência, para conhecê-los, as informações misturadas às reminiscências, o quebra-cabeça fazendo sentido, as aulas de psicanálise sendo aplicadas in loco. As pessoas são previsíveis, de vez em quando.

Era latente a competição entre Amália e Taís. Amália vivia com a avó há algum tempo, quando Taís foi morar com elas. Não que Augusta fosse carinhosa e dispensasse tamanha atenção e ternura à neta, mas a chegada da caçula viera para roubar os mínimos mimos que usufruía na casa. O sentimento de inferioridade, alimentado com fartura por Amália, foi arrebatado por essa época – quem competiria com um bebê tão bonitinho? Cresceram rivais, uma Guerra Fria travada com provocações, ciúmes, invejas, inimizades. E agora, a gravidez de Taís. Uma gestação adolescente que, aos olhos de Amália, foi planejada só para a humilhar. Embora houvesse a probabilidade, ninguém podia afirmar que o pai da criança era Vicente. Amália nunca foi uma católica tão fervorosa, apegada a terços, rezas, promessas. Taís nunca foi ingênua. Os olhos felinos, de leoa esfomeada, o corpo de serpente a enroscar-se pelos meandros da fazenda. Saias curtas, blusas justas, a carne arredondando-se, desenvolvendo-se, vaporosa, surpreendendo todos que presenciassem o lindo desabrochar. De repente,

brincadeiras libidinosas com Vicente, insinuações, mãos, cabelos, bocas. Ele mantinha-se sóbrio. Postura austera insuspeitável. Até Manuela sentir. Aquele olhar, na noite anterior, fora-lhe revelador. A sexualidade do marido da prima espelhada em seu rosto. Será que alguém que a olhara de maneira tão profunda não poderia? Manuela ressabiou-se. A barriga de Taís estava linda. Pronunciada, vistosa. Poucos meses após o aborto, quando a casa ainda reprisava diariamente os mórbidos acontecimentos, a menina aparecera com a novidade. Alegre, quase. A avó ligou para Manuela monocórdia, apenas comunicando o feito. Era algo inacreditável e, ao mesmo tempo, totalmente crível. O fruto não cai longe do pé, como dizem. Ficara mais apelativa. O corpo desenhado, a feminilidade agressiva e sátira. Amália condoía-se, a morada redonda esfregada em seu nariz. O sorrisinho tíbio de Taís em sua direção, a maternidade deixara-lhe mais cínica. Diuturnamente, suas voluptuosas formas atestavam o quanto era fértil, produtiva, mulher. Amália sentia-se esbofeteada. Taís sequer tivera o pudor de esconder seu pecado, e mantinha os mesmos trajes, ridicularizando a magreza depressiva e anêmica da prima. Era seca, murcha, árida. Taís, abençoada pelo dom de conceber uma vida, parecia sempre úmida, abundante, semeada. As discussões, se antes veladas, tornaram-se frequentes. Amália quase a agredira, tomada por uma ira fleumática não mais reprimível. Manuela, contudo, nada fazia para defender a irmã. Por diversas vezes, precisava esforçar-se para lembrar que era irmã de Taís. O laço das afinidades e da convivência, mais forte que o do sangue, nunca fora selado. Sabia de casos de irmãos que se amavam incondicionalmente, mas achava quase obsceno tal sentimento. Doentio. Via Taís mais como uma menina mimada e vulgar. Sentia pena. Não teve mãe, tampouco pai. Ísis separou-se do marido quando Manuela tinha quatro, talvez cinco anos. Detestava a vida matrimonial, a rotina, a constância. Às vezes visitava a filha, levava balas. Passavam dias na fazenda. Até que conheceu um motoqueiro, apaixonou-se. Ficou grávi-

da. Gestação irresponsável, sem acompanhamento, em cima da garupa da moto, nervosismo por conta dos sumiços do namorado. Morreu no parto. Taís levou a mãe, desapareceu com sua colorida risada. Ainda bem que havia o pai.

Manuela não era ignorante em assuntos do campo. Já havia cavalgado algumas vezes. Por isso, não foi por ingenuidade que escolhera uma saia, em vez de uma calça de alfaiataria, para passear naquela manhã. Por sorte, nenhuma empregada, ou mesmo a avó, a vira sair, ou então teria sido aconselhada a trocar o traje. Não era isso que queria. O horário não fora combinado, mas sabia que no momento em que chegasse, Cauã estaria lá. Seus passos, dentro da mata fechada, eram rápidos e graves. Tentava, inutilmente, deter-se, refrear seus impulsos. Mas algo dentro dela prendia sua razão, que, carcerária, dava vazão às suas reais necessidades. Seu superego imperava. O firmamento lhe parecia especialmente amigo, como se, em piscadelas audaciosas, garantisse que o segredo seria guardado. Seu peito arfava, quando o avistou. Seu índio, seu curumim, tão íntimo do cavalo, tão senhor daquela mata. Sua presença loura fundia-se com o verde, e abria-se um deslumbrante arco-íris ao redor. Esse é o Joaquim, nosso amigo, não é, campeão? E essa menina linda é a Manuela. Já viu uma menina tão bonita, Joaquim? Duvido, duvido, eu nunca. Cauã conversava carinhoso com o animal, pontuando as frases com uma carismática risada. Manuela enterneceu-se. Achou curioso o nome próprio do bicho. Pitoresco, Joaquim! Pareciam bastante companheiros. Esse pangaré é o preferido da avó, prima. Ele é ótimo, seguro, valente, mas meigo. Não me leve a mal não, cara, você é meigo mesmo, fazer o quê? Um sentimento quase maternal de querer abraçá-lo, afagá-lo por sua meninice. Vamos, prima? Tenho medo. Do Joaquim? Imagina, campeão, fala para ela, você é bonzinho! Tenho medo, não sei cavalgar direito... você pode ir comigo? Um lampejo qualquer no rosto de Manuela revelou a Cauã seu real pedido. Vem comigo, vem comigo. Aquilo se tornava perigoso. Mas como resistir? Ele desconhecia essa

palavra. Era livre, um pássaro, um indomável bicho, sem celas, sem coleiras. Ajudou-a a subir no cavalo. Segurou sua cintura com força, erguendo-a no ar. Ela se acomodou em cima do Joaquim, tão diferente de uma amazona. Parecia uma dama dos séculos passados, e quem sabe não fosse? Aquela mata fechada abrigara tantos personagens e tramas e amores. Ele mesmo acreditava, outrora, ser um vívere daquela prosaica selva. Cauã subiu com mais facilidade, encaixando seu corpo no de Manuela. Segurou as rédeas, as pernas justapostas. Percebeu os pequenos soluços percorrendo a prima, e prendeu-a com mais vigor. Manuela, colada a seu corpo, sentia-se tensa, não por temor, mas pela expectativa. Pensou, mesmo sem querer, na avó. Ela gostava de cavalos, que novidade. Nunca a vira flunar pelo campo, só marchar, a administrar, conferir, mandar. A avó não tinha uma aura humana. Cauã também pensava nisso, que Manuela não era humana, o bicho com os quais ele estava acostumado a lidar. Era suave, delicada, diáfana, mas tão enclausurada, apartada da terra, como se flutuasse. Mesmo assim, mesmo que ela fosse meio anjo, meio fada, em seu corpo habitava um demoniozinho. Era incendiária, como uma bruxa das fábulas, que aprontam, fazem libertinagem, enlouquecem a vida da gente. É isso, a prima é quase um saci. Ela pode ser perigosa. Cauã puxou as rédeas, pedindo a Joaquim maior velocidade. O cheiro de amêndoas começava a perturbá-lo. Aproximou seu rosto dos ombros. A pele macia e branca outrora não o atrairia. Mas eram redondos, bem desenhados e Cauã, naquele instante, sentiu-se rígido por um motivo impensável./ O sangue desceu-lhe, grosso, irrigando seu corpo. Manuela sentiu-se pressionada. O espaço entre ambos cada vez mais reduzido, um corpo acoplando-se ao outro, moldados, indissolúveis. Joaquim trotava ligeiro, mas controlado. Manuela arqueou as costas, traduzindo em movimentos palavras famintas. Ao sentir o contato, instintivamente, Cauã puxou mais as rédeas. Agora, Joaquim corria, a musculatura trabalhada, os pelos lustrosos, a crina brilhante a desfilar pelo campo. Cauã adorava aquela

imagem. Naquele momento, entretanto, não era um admirador de Joaquim, mas sua extensão. Agarrou o ventre de Manuela, as mãos furiosas delineando os contornos. Mergulhou o nariz nos anéis do cabelo, alimentando-se de desejo. Joaquim, veloz, já não respondia a nenhum comando, pois não lhe era dado nenhum. Manuela pressionava-se no dorso do cavalo, as pernas a fechar-se. Cauã encontrou a fenda da saia e, com uma virulência selvagem, encontrou seu tesouro. Estava úmido e pulsante, como a convidá-lo para ser desfrutado. Adentrou-o, explorando sua profundidade. Manuela, estremeçada e fêmea, soltou um gemido agudo. Joaquim, como se adestrado para aquele momento, bruscamente parou. O céu, de um azul particularmente agressivo, incidia sua luminosidade à cena. O sol, enciumado, escondera-se. Um solavanco. Os corpos, irrefreáveis. Com destreza, Cauã girou Manuela, virando-a para si. Corpos encaixados. Blusa arrancada, rasgada. O pequeno sol eclipsado pela boca. Em um movimento, os quadris promoveram o encontro. O passeio prosseguia. Em cima, em baixo, em cima, em baixo. Lento, suave, acelerando, acelerando, mais em baixo, mais em baixo, mais fundo. Mais fundo. Até ser atingido pela luz da vida, o berço do existir. Mais fundo. Descontrole. Os dois bichos abraçavam-se, acasalados, inseparáveis. Como em uma cavalaria orquestrada, Manuela e Cauã jogavam, ritmicamente, os quadris, talvez intencionando alcançar a lua. Alcançaram. Manuela, em uma espécie de transe, foi paralisada por um frenesi, uma vertigem. Ao vê-la arrepiada, como um filhote caçado, Cauã eriçou-se também. Desmanchou. Prima. Um grito concebido visceralmente, um grunhido selvagem a despertar a selva.

Demorou alguns instantes para que o plasma invisível que os unia finalmente se desmanchasse, libertando-os. Contudo, talvez não quisessem sê-lo. Talvez o desejo fosse manter, indelevelmente, aquele laço, aquele cordão umbilical a permitir suas carnes unidas. Poderiam alimentar-se um do outro. Respirar o ar do outro. Falar a língua do outro. Até que não mais se

soubesse cada identidade, completamente fundidas. Não raciocinavam esses sentimentos, apenas os degustavam. Súbito, o sentimento interrompido. A sombra. O olhar cáustico e opaco a espreitá-los. Um espírito da selva a assistir a seus delírios. Ou seria outro espírito? A culpa, hóspede de seu pensamento, pesou-lhe a alma. Aquela entidade era a culpa materializada a lembrá-la de tudo o que ela não merecia. Não merecia o prazer. Jamais poderia ser feliz novamente. A culpa seria sua sombra, a roubar-lhe os sorrisos, surrupiar-lhe os verões, abandonar os momentos de vida. Jamais estaria sozinha. O medo rapidamente a separou de Cauã. Outra vez esvaiu-se, fugidia.

*

Conseguiu chegar discretamente ao casarão. Grande alívio. A roupa rasgada poderia denunciá-la. Como se as outras evidências físicas não alardeassem os acontecimentos há pouco vividos. Teve tempo para banhar-se, vestir-se, acalmar o coração. Teve até vontade de ler. Uma atividade intelectual amainaria as labaredas que a consumiam. Instalou-se em uma poltrona, na sala de chá. A tarde quase esquecida, o silêncio como convidado. Procurou a página, distraída. Quando a vó materializou-se em sua frente, assustou-se. O semblante fechado, as rugas nos cantos da boca deixavam-na intimidadora. Fiquei sabendo que foi cavalgar hoje, Manuela. Você sabia, não sabia, Manuela, que os cavalos são animais sagrados? O Joaquim é o talismã da família. Eu detestaria, detestaria, se alguém ousasse profaná-lo. Vocábulo litúrgico não combinava com aquele discurso. Desde quando a avó tornara-se religiosa? Não conseguiu respondê-la. A passos duros, a matriarca sumiu corredor adentro. O problema então era Joaquim? A avó sabia de seus encontros com Cauã. Não zelava tanto pelo neto como pelo animal, seu xodó. Teve quase pena dela. A que solidão estava condenada a ponto de ignorar laços sanguíneos, nutrindo-se de um amor inexplicável? Entendia o amor pelos ani-

mais, o pai mesmo idolatrava cachorros. Mas o pai também a amava, e a namoradas escusas. A avó, todavia, parecia lacrada a essa espécie humana de doação. Pensou na mãe, em Amália, em Taís. Temeu pela genética. Tentou desembaraçar essa torpe hipótese. Era a cara do pai. Os mesmos traços do rosto, mas suavizados pela sua delicada feminilidade. Tiques, manias, gestual. O pai poderia tê-la concebido sozinho. Taís, gêmea à mãe. Tão parecidas que poderia confundi-las. Nunca soube do pai da irmã, que parecia inexistente. Taís parecia prescindir dos genes paternos. A mesma leveza, os mesmos apelos, o frescor. Orgulhava-se da inteligência e da obstinação que emprestara do pai, virtudes realmente indelévels. Com ele, conhecera boa parte do globo. Fotógrafo por vocação, registrara o colorido e as mazelas da Ásia e da África, carregando as máquinas e a filha em suas expedições. Tornaram-se bons companheiros. Há alguns anos, Manuela fixara residência por conta dos estudos. Pensou ter descoberto seu talento, sonhava acompanhar seu melhor amigo em acampamentos humanitários. Pela primeira vez na vida, iria decepcioná-lo. Talvez não fosse tão boa na salvação quanto ele era com os flashes. Quis chorar.

O majestoso relógio anunciou que era a hora da refeição, não de lágrimas. Ademais, ninguém aprovaria o pranto. Como explicar? Uma densa bruma de angústia a abateu. A dor silenciosa que sufoca, lenta e impugnável, cada domínio do pensamento. Um aperto torturante no peito que estrangula a alma, derrubando qualquer sentimento nobre ou sensação racional. Eu perdi. Eu sou um fracasso. O coração escorria em lamentos. Até se permitiria enfraquecer, se as pessoas não comesçassem a se acomodar à mesa. Em poucos instantes, aliás, um fotógrafo poderia registrar mais um retrato para o álbum de família. A avó foi a última a chegar. O semblante cerrado, as rugas alardeando sua constrição. Pareceu, à Manuela, que ela havia envelhecido nas últimas horas. A culpa azedou a boca, novamente. Como se fosse a responsável pela dureza daquela senhora. Olhou em volta. Amália, blusa de linho, renda na gola, fechada

até o pescoço, era uma figura medieval de carolas a declamar versículos intermináveis de uma Bíblia punitiva. Não conseguiu fitar Vicente. A antiga percepção de homem bondoso, honesto, honrado, havia sido violada. Talvez a prima tivesse razão. Taís, por seu turno, não facilitava. Falava sozinha, sem um interlocutor, mas sabia-se ouvida. Gargalhadas cristalinas a romper o ambiente indelevelmente noturno da sala de jantar. A voz aguda deixava as frases mais provocativas. Cadê Cauã, cadê Cauã? Parecia realmente ressentir-se da falta do índio. Não sei, sumiu, deve estar embrenhado na mata. Um dia eu o convenço a fixar as raízes aqui na mata... ao meu lado. E abriu um sorriso escandaloso. Amália, rubra, começou uma ladainha em tom quase inaudível. A tia Nara deveria estar muito inspirada quando ficou grávida de Cauã, ele é tão, tão lindo. Tomara que o meu filhinho seja assim, um arraso. Todas nós babamos por ele, não é verdade, Manú? O desconforto instalou-se, convidado especial de Taís, sentado à direita de Manuela, servindo-se fartamente das palavras capciosas da gestante. Manuela teve a sensação de que Taís não gestava uma criança, mas um fruto maligno a distribuir discórdias e desassossegos. À medida que a barriga crescia, sua agressividade fazia-se mais algoz. Como será que era o pai de Cauã, alguém sabe? Porque só podia ser bonito. Ninguém na nossa família é tão lindo. Acho que nossa genética veio com um defeito, não produziu nenhuma beldade. Só Cauã. Abençoada de quem carregar um bebê dele, vai dar à luz a uma criança privilegiada. Mais um sorriso, dessa vez quase resignado, com uma indulgência de modéstia, como quem se auto congratula por um feito. Manuela estremeceu, Cauã pai do filho de Taís? A prima alisava a barriga, libertina. Sabe o que seria engraçado, Amália? Se nós duas engravidássemos de Vicente. Aí a gente poderia ver qual criança nasceria mais bonita. O meu bebê será, quer dizer, seria ruivinho, tenho certeza. O seu talvez puxasse você, essa sua melancolia, os olhinhos caídos... Taís puxou as próprias pálpebras, emulando comicamente o triste olhar da prima. O que você acha da ideia,

Vicente? Você é homem o bastante para fecundar as duas? Qual dos dois bebês você preferiria? E só menino, por favor, porque essa casa já tem mulher demais. Amália prosseguia a oração, absorta em um diálogo divino. Só isso poderia salvá-la de um ataque de fúria na frente da avó, a quem devotava respeito. Tende misericórdia desta pobre alma, Senhor, salvai esta pecadora dos fogos abrasivos do inferno, que há de queimá-la se continuar nesse caminho de perdição. Tirai o demônio do corpo desta criança, Senhor. A reza subia, Manuela já conseguia escutá-la, e não sabia qual fala, de Amália ou de Taís, era mais incômoda e surreal. Já sei, já sei, depois que esse nenê nascer, eu fico grávida de volta, vai ser fácil, aí comparo o filho de Vicente com o de Cauã, qual é o mais fofinho. Taís gargalhou, deliciada e dúbia, antes de ser interrompida por Amália. A prima queria exorcizá-la. Dominada por alguma entidade, proferia frases desconexas, hirta e descontrolada, dirigindo-se à Taís. Levantou-se da mesa, caminhando com ferocidade em direção à prima, seu corpo parecia muito maior e mais ágil do que realmente era. A minguada Amália agigantou-se, inflamada por sua fé e sua fúria. Manuela, esquecida de sua dor, assistia alarmada à cena dantesca. Taís até estava achando hilária a pregação insana da prima, até que a viu se aproximar de sua barriga e tocá-la, proferindo palavras ininteligíveis emaranhadas a frases perfeitamente compreensíveis e ameaçadoras. Esse bebê, esse pequeno filho do Demônio, irá nascer, mas para poder morrer, ele está condenado, Deus irá levá-lo para purgar os desvios de sua mãe e de seu pai, dois errantes seduzidos pelos prazeres demoníacos. Ao sentir a mão titubeante de Amália em seu ventre, Taís eriçou seus sentidos, transformada em leoa. Um animal a defender sua cria, ameaçada pela predadora a querer devorar seu filhote, Taís, instintiva e selvagem, mordeu os magros dedos que assolavam a residência de seu filho. A gritaria intensificou-se, a refeição terminada, a avó incrivelmente ausente dos acontecimentos ao seu redor. Vicente buscava, inutilmente, acalmar sua mulher ferida e his-

térica, enquanto Taís, possessa, e febril, protegia sua barriga de ataques impiedosos de uma Amélia esfaimada.

Súbito, Manuela sentiu-se nauseada. Um mal-estar certamente provocado pelas palavras de Taís. A avó estava apática, quem costumeiramente impediria a miríade de impropérios. Uma hipótese foi semeada em sua cabeça. Cauã. Se tinham encontros tão férvidos, por que ele e a imã não teriam? Ele era lindo, Taís era linda. Ela vivia na fazenda, ele vez ou outra estava lá também. A história fazia muito sentido. No meio da balbúrdia, novamente optou por se calar. Levantou-se, sem pedir licença, encaminhando-se para a varanda do casarão. As vozes enfraqueciam, a brisa noturna já fazia seu vestido levantar. Sentia-se beijada por aquele vento, numa espécie de acalanto. O cheiro de camélias e damas-da-noite quase a curou dos pensamentos funestos, mas eles persistiam. Cauã pai de um filho de Taís. Não que tivesse esperanças de um relacionamento. Sabia-se diferentes. Mas o perfeito entendimento mútuo sobrepunha afinidades, culturas, espécies. Era transcendental, ainda que houvesse a carne, sublimava a matéria. Mas um bebê, isso seria um obstáculo bem material. Seu fluxo foi interrompido. Não precisava se virar para saber que era ele. O odor, a respiração. Já identificava sua presença. Apoiou-se na estrutura de madeira. As vozes variavam o tom, hora exaltadas, hora mudas. Fez um leve carinho em sua cintura, seu corpo reconhecendo o toque silvícola. Não se virou./ Abaixou o tronco, fazendo-se anfitriã. Não precisava vê-lo, mas precisa do porvir. Uma premência absurda, uma necessidade ímpar e inédita a acometeu. Seu índio contaminado pela mesma pressa, como se os corpos só fossem curados da maleita quando unos. A ansiedade foi efêmera. Cauã foi preciso, Manuela estava pronta. Esquecida da gritaria familiar a poucos passos, recebeu o peso da luxúria de seu curumim. A lua gorducha derramava sua luz leitosa sobre os dois corpos incoercíveis. Golpes certos e rápidos, em uma fúria fleumática, na cadência da discussão. À medida em que a conversa crescia, os tremores se acentu-

avam. Arqueada, Manuela arfava, presentindo a vinda. Seus seios entumeciam-se ao contato de Cauã, que em um pináculo de prazer, desembocou na prima sua paixão.

Manuela abaixou a saia, ainda trêmula. Sentia como se sua alma flutuasse ao redor dela, nutrida de uma ambrosia divina. Seu curumim a fitou, os cristais cintilantes lhe sorriam. Permaneceram em silêncio, Manuela observando-o partir. Ficaria ali mais algum tempo, aspirando o ar noturno imiscuído ao perfume das flores. Inebriada pelo primo, como seria não tê-lo mais? Como seria prescindir daquele ser que a alimentava, provendo-a de uma iguaria jamais provada, que a fazia desejar o sabor da floresta? Manuela não percebeu, mas o vulto os observara uma vez mais. Acossada estava por um outro espectro. Sua própria consciência.

A despeito da noite anterior, aquela noite fora povoada por insônia e maus sonhos. O mel da manhã e da tarde forma substituídos pelo amargor das más lembranças e dos maus presentimentos. A possibilidade de um filho de Cauã a deixava obcecada. Tentava reconstituir as imagens, buscando vestígios e provas de um possível amor escuso. Taís seria capaz, ela mesma fora, não? Ademais, não teria mais direito a momentos de delicadeza. Depois do que fez, de ser responsável por aquela atrocidade, seria privada – por merecimento – de qualquer deleite mundano. Era um monstro. O choro da sala de espera invadiu a sala. O odor do éter e do sangue a tontear-lhe os sentidos. Era um pranto surdo e indelével. Sequer tivera coragem de comunicá-los. Revirava-se nos lençóis, revivendo a agonia. O corpo esfriava a poucos passos de seu corpo febril de angústia. Nessa terra não chove nunca, Manuela suave um calor inexistente. Ela fizera tudo o que conhecia, o que os anos de faculdade a ensinaram, o que havia presenciado na residência, na pós-graduação americana, mas fora insuficiente. Sabia que a profissão não era só vitoriosa, não era apenas agradecimentos humildes e ternos, mãos calejadas a segurar as suas, elogios, vaticínios, recompensas emocionais. Mas jamais pen-

sara que ela estaria sujeita às perdas, à derrota definitiva, não de uma batalha, de uma luta, mas de uma guerra, cujo fim era impostergável. A fragilidade humana resumida a quilos de carnes, músculos e ossos inanimados, já inúteis. Em alguns anos, sequer a memória daquele ser que habitara casa tão efêmera. Sofria com a dor da família, sofria com sua própria dor. O que faltara fazer? Qual dom ou poder mágico que deveria possuir para tê-lo salvado? As lágrimas desesperadas a lavar o jaleco imundo. Não deveria continuar.

Acordou tarde. Tentara, pela manhã, descansar da noite de cansativas reminiscências. A mesa do café já não mais posta, a casa morna e quieta. Dirigiu-se à varanda, e no mesmo cenário em que ela e Cauã amaram-se há poucas horas, seu índio e Taís pareciam ter uma conversa animada. A irmã ria, solta. A barriga incrivelmente grande soava como falsa, como se não pertencesse àquele corpo juvenil. Às vésperas de parir, continuava espevitada, mordiscando uvas com uma indecência constrangedora. Os pés possuíam um bailado próprio, movimentando-se com uma leveza que Manuela jamais teria, acorrentada em suas vergonhas. Cauã a olhava, talvez fascinado, talvez irônico. Os cristais, sempre rútilos, a passear por aquela pequena menina. Os ciúmes agulhavam o estômago de Manuela. Escondida atrás de uma janela, podia ouvir melhor a conversa nonsense que os dois travavam. As pernas de Taís cruzavam no ar, roçando deliberadamente o peito de Cauã. Ele, embora não a tocasse, não fazia nada para evitá-la. Parecia vidrado. Havia intimidade entre eles, pior, havia conexão. A sensualidade de dois amantes em trégua. O céu deveria saber como seriam os encontros. Taís enrolava uma mecha grossa de cabelo nos dedos, anelando-a. Cauã parecia perder-se naquele emaranhado escuro de fios, atordoado. Faz tempo que a gente não sobe em árvores, sinto falta. Agora, grávida, não posso, mas assim que o bebê nascer... tem uma macieira nos fundos da casa que nunca exploramos, dizem que é afrodisíaca. Maçã, o fruto proibido... a ligar corações enamorados eternamente!

E deu um pulo, aportando próximo aos lábios de Cauã. Como se nós precisássemos, não é, primo? Hipnotizada por aqueles gomos suculentos, delineou-os com as pontas dos dedos. Manuela não quis mais ver.

Passaria o resto do dia trancada em seu quarto, presidiária das próprias emoções. Se antes a paternidade era uma dúvida, sagrou-se certeza com as cenas assistidas. Será que a avó sabia das leviandades cometidas sob sua tutela? Viu-se ridícula. O moralismo não lhe caía bem. Sentiu raiva da irmã. Primeiro, a mãe. Agora, o amor. Como um vendaval a levar-lhe todos os bens. Despindo-a do amor. Refletiu. Merecia aquele castigo. Merecia ser privada de sentimentos nobres. Merecia o eterno e nefasto hades a consumir-lhe os dias e a juventude. Merecia ser ensurdecida pelo pi final. Ela não havia condenado uma família à desgraça? Pois bem. A vida agora apresentava-lhe a conta. A tristeza a sufocava. Saiu do centro cirúrgico duas horas depois, derrotada. Estar ali não o faria reviver. O corpo já fora levado ao IML, a máquina desligada. O pi, entretanto, ecoava por cada tijolo da construção. Pensava-se imune. Tantos colegas a enfrentaram já na residência, mesmo em especialidades menos suscetíveis. Assinaria um atestado de óbito, e era como confessar um assassinato. Não fora? Estava sob seus cuidados, era ela quem deveria ter zelado por aquela vida. O fracasso admoestava-a. Sem batidas, a avó irrompeu em seu quarto, guilhotinando sua inércia. Avesa a cerimônias, Augusta prostrou-se diante da porta, soerguendo a voz. Manuela, eu aceitei que você viesse para cá, como aceitaria qualquer neto. Você passou por uma dificuldade, precisava ser recompor, certamente a fazenda seria o local mais indicado para você ter tranquilidade. Contudo, além desse tempo de convalescença, eu gostei de você ter vindo para cá por outro motivo. A Taís, como você sabe, está prestes a dar à luz. Melhor do que ninguém, você conhece o histórico de nossa família, as tragédias ocorridas na hora do parto, enfim. A Amélia mesmo, pariu aos sete meses, uma gestação que até foi acompa-

nhada pelo médico da cidade, mas aqui é distante, é ermo, até chegar assistência adequada, aconteceu. Não confio mais nas parteiras, respeito, mas muita gente já foi enterrada. Por isso, Manuela, quando aquiesci com sua vinda, imaginei que você também pudesse me ajudar. Eu te ajudava a fugir do caos, você me ajuda com a Taís. Sei que não é sua especialidade, mas você estudou, você é mais bem preparada que qualquer pessoa entre nós. Quando essa criança quiser nascer, ela virá ao mundo pelas suas mãos. Estamos conversadas, Manuela?/ A neta sacudiu a cabeça, em concordância. Mesmo se tivesse algo a dizer, a avó não a escutaria. Já seguia pelo corredor, ocupada e indialogável. Recostou-se na cama, recobrando o fôlego. Não sabia que a gestação de Amália tinha ido tão longe, o bebê quase formado. Percebeu, enfim, a grande dor que a prima enfrentara ao perder a criança. A morte de um filho, em qualquer momento da vida, causa sempre um abalo colossal, uma destruição inconciliável e eterna. Mas quando o pequeno rebento poderia ter vingado, e mais, não viveu nem um minuto para lhe ser derramado todo amor acalentado pela mãe, o luto é arrebatador. No hospital, havia vários casos de prematuros sadios, que venceram e saíram carregados da UTI por mães guerreiras e orgulhosas. Mas ali a medicina ainda não havia chegado. Métodos arcaicos, folclores, lendas e mandigas eram mais funcionais. A avó era esclarecida, mas não podia contar com a assistência da pequena cidade mais próxima. Não havia como negar seu pedido, até porque ela não lhe dera opções. Ela impôs, quase condicional. Não a havia recolhido e recebido, braços tão abertos quanto sua distância gélida permitia, em um momento particularmente delicado? A avó lhe dera o abrigo para sossegar sua alma. Além dessa primeira gratidão, somava-se seu desrespeito a Joaquim, fato que, não sabia como, a avó dominava. E agora, com o direito da dona de casa e da avó zelosa de uma neta desmiolada, incumbia uma missão a ela, já endividada e errante. Nem adiantaria argumentar com a senhora, explicar que ela era uma única pessoa, com recursos

limitados, sem os aparatos necessários para um parto tranquilo, medicamentos, equipe. Sequer aprendera as técnicas avançadas! Ainda mais porque a avó deveria saber de tudo isso. Não bastasse detestar obstetrícia. Desde antes da faculdade, nunca suportou a área. Não que não gostasse de bebês; gostava. Suas ideias nababescas, contudo, inspiravam nela uma vontade de salvar vidas, não de trazê-las. Sentia-se melhor, mais prestigiada e capaz por resgatar do limiar da existência um coração desenganado a encher de paz e ternura corações de uma família com um novo entezinho. Fizera um ou outro parto, na residência, e foram experiências desagradáveis, não pensava em repeti-las. Ainda mais em Taís. Retirar da irmã um filho de Cauã. Zelar pela saúde de quem levara sua mãe. Não, ela não poderia. Mas ela teria.

Não teve um sopro de ânimo, pelo resto do dia, que fosse capaz de arrancá-la da apatia acinzentada na qual mergulhou. er repente, a vida baça, as dores florescidas, os medos libertos, atacando-a impiedosos. Talvez a avó adivinhasse sua letargia, ou a respeitasse, pois sequer a chamou para o jantar. Escondida no quarto, sem força para ler, ouvir música, telefonar para o pai. Entregou-se à sua derrocada, pusilânime. Pensava que saindo de sua casa, de sua cidade, do hospital que adorava, os problemas, magicamente, dissolver-se-iam no ar. Não estava preparada para que ali, naquele recanto bucólico e pacífico, escondido pela mata do mundo, seus monstros e bichos muito piores fossem alcançá-la. Mais uma vez, evocou a mãe de Cauã. Como era mesmo essa distante tia Nara? Simplesmente não conseguia revê-la em sua memória. Já sua mãe lhe parecia incrivelmente viva. Um dia, sentiu raiva dela. Por ter partido cedo, por deixá-la, pelas irresponsabilidades vividas. Duvidou de seu amor. Apegou-se ao pai, apagando marcas de sua genitora que pudesse ter herdado. Mas era difícil esquecê-la tendo que vê-la diariamente, encarnada na irmã. Taís era exatamente a descrição que o pai fazia de Ísis na juventude. Jamais se sentira à vontade frente à irmã. Por lembrar tanto a mãe, por tê-la

roubado. Provavelmente, insinuava-se naquele momento a um Cauã seduzível. Vira em seus olhos o desconcerto que a presença de Taís promovia. Uma criança nasceria desse amor, ou do sentimento que fosse. Já não acreditava em amor. Em fracasso, sim. Em fracasso, em agonia, em ilusões, em falências. Em desejo. Porque era desejo o que sentia, tão forte, decisivo e arfante que lhe furtava o fôlego, o juízo, a consciência, a inteligência. Estava irreconhecível. Era tão paradoxal sua situação, aliás. Antigamente, antes da tragédia, antes da fazenda, antes de Cauã, ela era feliz, ou supunha-se feliz. Feliz, mas inapetente, sem brilho, sem vontades. Seguia seus dias monocórdia, porém leve. Agora, enfrentava uma depressão até então desconhecida. Sempre detestou pessoas depressivas, achava esse estado fleumático da alma para fracos. Ao mesmo tempo em que esse desânimo a prendia, as experiências sofridas (ou desfrutadas) a faziam querer mais, correr pelo gramado, namorar o sol. Com vergonha de admitir, mirava-se no espelho e via uma mulher, uma mulher sexy. Não mais aquela púbere estudante, limitada, opaca. Mas alguém cuja tristeza emprestava um elã particular e sedutor. Os pensamentos a deixaram embaralhada. Olhou através da vidraça, a noite engolia a mata, marinha. Uma fome súbita a invadiu, não fome, uma vontade de comer. Seria bom sair de seu mausoléu e, com sorte, não encontraria ninguém. Vestia a mesma camisola lilás dos dias anteriores. Descalça, saiu perambulando pelos corredores, até o relógio da sala central assustá-la.

*

Os pesados pêndulo dourados fizeram seu movimento característico. O som produzido pelo objeto lhe causou estremecimento. Era grave, imponente, um badalo lúgubre com notas de morte. Parou, intimidada pelo réquiem da relíquia. No meio do breu da sala, uma silhueta aproximou-se, detendo-se à sua frente. Mesmo no escuro, distinguia o desenho daquelas

linhas e, por isso, arrepiou-se. Como se o céu soubesse que precisaria agir, trovões escandalosos anunciavam uma tempestade. O assoalho sacudia-se com os estrondos. Manuela e Cauã encararam-se. Eu devo fugir, eu preciso fugir, pensou ela. Não podia olhá-lo assim, tão de perto. E ainda à noite, a chuva, a pele dourada escancarada. Que freasse seus ímpetos, que domasse seus impulsos. Não deveria mais. Seus pés não tinham força para levá-la de volta ao quarto, seu coração não conseguia coordenar a ação necessária. Cauã, sem perceber a hesitação da prima, andou em sua direção, tomando-a com vigor em seus braços e, sem dar chances de fuga, beijou-a com mágica violência. O corpo todo de Manuela teimava em se entregar, enquanto o cérebro, confuso, enviava ordens surdas de reprimenda. O beijo cresceu, estendeu-se, acendeu a flama de Cauã. Ainda relutante, Manuela não podia deixar de degustar os movimentos sutis, mas atrevidos, que a língua do primo fazia ao invadir sua boca. Por que ser tão bom, se tão impossível? Cauã interrompeu a dança de lábios, suas mãos nos quadris de Manuela, puxando-a para si. Ergueu-a, aterrissando-a na mesa central. A chuva já escorria pela vidraça, ainda que trovejadas prenunciassem mais água. Instintivos, os pés de Manuela se cruzaram sobre as nádegas de Cauã, prendendo-o. Não queria deixá-lo. Sozinha, o medo da pancada. Os dedos dele delineavam a extensão da pele dela, famintos, porém precisos. Sentia-se inchada, os dentes roçando os ombros de sal. O cheiro de mata que residia na base do pescoço do índio ensandecia-a. A última vez, decidiu. Uma despedida, nós merecemos. O coração estraçalhado de saudades já doídas, deixou o corpo cair, lentamente, sobre o tampo de mogno. O barulho das gotas respingando no jardim abafado pelas respirações descontroladas. O homem de sua irmã, um futuro pai. A angústia imiscuída aos frêmitos de prazer. Sofria, mas seu corpo inclinava-se, girassol em busca do astro maior. Nunca mais os suspiros, nunca mais a seiva elaborada do curumim a alimentá-la. A ausência do gosto, a falta da pele, a perda do bálsamo./ Cauã investiu seu cor-

po contra o de Manuela, escorregadio e assertivo. O gemido arrancado foi de prazer, mas também de dor. Jamais sentira algo que não fosse alegria, frenesi e rejúbilo ao lado do primo, mas agora parecia receber uma faca afiada em sua carne, dilacerada. Sangrava. A água derramada pelo céu lavava seus olhos de lágrimas represadas, a noite chorava a despedida. Os corpos cadenciavam-se, harmônicos, afinados. Chovia Manuela, também, relâmpagos, enxurradas, tempestade. Nunca mais Cauã, nunca mais eles. Não podia ser só bom, tinha que ferir. Segurou nos braços do primo, não queria deixá-lo partir, queria mais dele. Impulsionava-o para dentro de si, ainda que recebesse-lo mais significasse perdê-lo mais. Cauã distribuía beijos pelos seus cabelos, orelhas, pescoço. A chuva avolumava-se lá fora, intrépida, o som ocultando a sofreguidão dos amantes. O relógio, preciso como deveria ser, anunciou em badaladas a hora atingida. As almas vibraram conforme a reverberação das notas sepulcrais. Chegaram ao fim. Manuela pulsava, plena e vazia. Não mais trairia a irmã, nem se entregaria a um enlevo fugaz. Seu curumim tentou abraçá-la, roçando delicado seus lábios nos dela, mas foi evitado. Cabeça baixa, Manuela desceu da mesa, muda, e seguiu ao seu quarto. Ela não olhou para trás.

O dia seguinte soaria quase normal e medíocre, se não fosse o luto vestido por Manuela. Por fora, nenhum vestígio em sua compleição denunciaria as tormentas vividas na noite anterior. Estava serena, plácida, a nostalgia lhe impingia uma beleza ímpar. Sentia-se mais velha, mais madura, o amargor da alma experimentado na boca. Já não sabia o que fazer naquela casa, mas também não era hora de voltar. Apátrida, sem lugar no mundo, desajustada em seu próprio corpo, Manuela queria desaparecer. Como uma criança que deseja ter um poder, pensava que se sumisse por uns tempos, ao retornar, encontraria tudo encaixado. As valas fechadas, cicatrizes limpas, o pó e o pus esvanecidos. Aquele casarão voltara a assombrá-la, as histórias engolindo sua razão. Não podia se afasatar, contudo. Havia o combinado com a avó, o comprometimento penho-

rado. Resolvera apartar-se de Cauã, mas esquecera que seu maior fantasma habitava o mesmo mausoléu que ela. Contudo, Manuela não podia supor que deixá-lo seria tão abrupto. Antes de ela o pronunciar, foi o primo que desaparecera de sua égide. Nem no café, nem no almoço, tampouco no jantar. Cauã não fora visto nos jardins, nos riachos, na sala de estar. Mesmo sem a intenção, Manuela o procurava, olhar em soslaio, olfato apurado. Percorria o verde, os móveis, pediu ao sol para revê-lo. Seu curumim parecia ter intuído a sua decisão e, para facilitar o desenlace, partira. Mas o que era para suavizar, agigantou-se. A angústia de apenas algumas horas longe de seu menino finalmente provocou mudanças em Manuela. Era visível seu transtorno. Sua aparência, tão deformada pelo desassossego, despertou interesse alheio. Como se vestisse uma máscara plástica derretida, cuja boca, retorcida, olhos murchos e nariz pontudo revelassem a miséria de sua alma, a expressão de Manuela foi notada e notificada por Taís. Credo, irmã, que cara! A comida não agrada a doutora? Era a hora do almoço, todos, exceto ele, em volta de um grande assado de peru. Ou será outro o comichão?/ Taís sublinhou, maliciosa e irônica, a última palavra, dúbia. Com um despojamento calculado, perguntou, em seguida à avó, por onde andava Cauã. À primeira vista, ou a mentes menos estrategistas, como Amália, seria apenas mais uma vez a demonstração da curiosidade natural e fadigosa de Taís. Manuela, protagonista e douta da situação, porém, adivinhava o fel caudaloso com o qual a pergunta era libada. Não haveria outro propósito para aproximar os dois comentários. Não sei, sequer o vi hoje. Deve estar na mata, sua namorada. Namorada? Tanta mulher disponível para ele, e ele apaixonado pela mata! Você já imaginou, Manuela, se um dia você virasse uma árvore? Fruta do que você daria? Manuela, congelada em seu lugar, a máscara liquefazendo-se conforme suas emoções desabrochavam. Bom, de qualquer forma, em breve Cauã terá ótimos motivos para fixar raízes. O fruto maduro cai no verde campo e o laço de sangue cria um rastro pela mata. É irresis-

tível. Quanta filosofia barata, Senhor, rogai. Não estou me dirigindo a você, Amália. Nem eu a você. Oh, Senhor, do alto de sua misericordiosa sabedoria, livrai o pecado do mundo, levai essa pagã e junto todos os vícios que conspurcarão a Terra. Essa criança não vai vingar, não vai, por tudo que é sagrado. E essa prostituta, essa Maria Madalena, há de ir junto com ela, lavando o nome da família dos pecados. Manuela não mais ficou à mesa para testemunhar as atrocidades trocadas, ofensas desmedidas, verdades desfocadas. A avó, finalmente, intervira, enérgica e austera, como lhe era de seu sabor. Com vertigens e asco, Manuela seguiu para seu leito. Ainda que as afrontas da irmã tenham lhe causado enjoos, Manuela não podia deixar de sentir fome. O apetite não fora extinto. A falta de Cauã era física. Doía-lhe o estômago, como se um vazio houvesse se aberto em suas entranhas. Menos de um dia apartados e Manuela já era capaz de compreender as alucinações e a agressividade de um viciado. A abstinência de sua droga parecia letal. Alguma mágica alquimia presente no contato do corpo de Cauã com o seu a entorpecera de tal modo que ela se via refém de uma substância ilícita, venenosa, amoral. Como os dependentes internados na reabilitação que, domados pela fissura, violam janelas e portas em busca do mais delicioso veneno, Manuela rompeu a porta de seu aposento, em busca do pote de mel que a inebriava./ Seguiu cega pelo corredor, vasculhando cada canto da velha casa. O olfato jamais estivera tão apurado, farejando a presença de seu graal. Abria as portas, esquecida de móveis, reavendo antigos cômodos empoeirados e fúnebres. As mãos trêmulas, o ventre esmagado por gelo, os olhos rápidos, inquietos, a ausência cada vez mais pesada sobre si. Chegava ao fim do longo corredor, todas as portas já escancaradas, vítimas de sua fúria. A última entrada, esplendidamente talhada, podia guardar atrás de si seu mais precioso calmante. Manuela a afastou delicadamente, o medo de não encontrá-lo, a última chance de redenção. O interior não estava iluminado, a escuridão de dentro confundindo-se com o breu de fora. Os

olhos de Manuela mal conseguiam distinguir formas e contornos, as pupilas sensíveis desacostumadas ao crepúsculo. Uma mão movia-se, veloz, produzindo riscos no ar e um barulho arenoso, de atrito quente e molhado. Sussurros quase inaudíveis, como pirlampos, sinalizavam a presença de pessoas no recinto. Corpos se moviam como raios, harmonicamente descontrolados. Surpresa, Manuela distinguiu, em meio a sombras, o rosto da avó. Jamais o vira tão emocionado, a expressão indubitável e mundial da entrega. Perpendicular à Augusta, Manuela vislumbrou, primeiramente, pernas fortes e desnudas. A curiosidade a impeliu a, sofregamente, arrastar um pouco mais a porta, até avistar os graúdos cabelos negros caídos sobre a testa. Eles emolduravam uma tez azeitonada e ébana, narinas aladas, os lábios achocolatados e carnudos. As pálpebras cerradas, contudo, escondiam o conteúdo revelador. Ela assistia assombrada aos espasmos do homem, contudo, quando ele abriu os olhos e desvelou a ela seu negro conteúdo, Manuela sentiu-se golpeada por uma afiada adaga. Segurou-se na fechadura, atingida. A íris tingida de carvão, delineada por cajal, ela reconheceria em qualquer situação. Os olhos de nanquim que tanto a perscrutaram. Não era sua culpa, não era um fantasma, não era um espectro inventado por sua mente. Era um homem, a quem, naquele momento, a avó devotava imensurável amor. Seque se chocou com a atitude da matriarca, extremamente subjugada, mas ao mesmo tempo ativa. Já não era nenhuma criança e, por mais incrível que parecesse, a avó, como ela, como Taís, teria suas vontades. Mas o fato de o namorado (seriam namorados?) ser aquele espião, por quem ela alimentava uma espécie de temor e asco a deixara perturbada como nunca. Quem seria aquela pessoa? Por que a avó mantinha o relacionamento escondido? Procurava se policiar, afinal, a avó nunca se interferia na vida dela, certamente até saberia de seu relacionamento com Cauã e nada, nem uma palavra, nem um olhar insinuante que a constrangesse, e agora ela ali, mergulhada em pensamentos obtusos. Mas como conter? Es-

tava tão cansada, o emocional abalado, o intelecto estupefato, que, após sair sem ser notada daquele cenário, seguiu para seu quarto e dormiu. Desabou nos lençóis, exausta de tudo, da vida, de pensar, de sentir. Quis, como nunca, sua casa, seu pai. Que saudade dele. Seu Cauã.

Como já se tornara rotina, o dia seguinte nasceu, esplendoroso. Ali na fazenda, Manuela aprendera que nada que desejasse ou pedisse impediria o amanhecer. Ele sempre vem, surpreendendo, acalentando, fenecendo um pouco mais. Ali da sua janela, o sol, seu antigo amante, anunciava mais vinte e quatro horas que teria que enfrentar até. Até o que acontecer, o quê? Automatizada e robótica, levantou-se, os velhos hábitos e abluções. A casa parecia esfarelada, Amália no quarto, Taís perdida em seus devaneios, a calmaria como habitante. Parecia que cada peça de mobília, objeto de decoração, tapete, cristaleira, ressentia-se da falta de Cauã. Sua ausência pulsava por toda parte. Apenas beberia leite, na cozinha, mas Vicente também se encontrava no cômodo. A vidraça escancarada, ele dialogava com alguém. Manuela espiou pelo quadro aberto, a esperança latejante. Vicente percebeu-a, ainda mais pálida do que costumava ser. Bom dia, Manuela, venha, pode tomar seu café. Você conhece o Amadeu, o capataz da fazenda? Capataz modo de dizer, ele não mata ninguém, não que eu saiba. E riu, honesto e tranquilo. Amadeu dirigiu seu olhar, o mesmo de sempre, as duas pedras de quartzo polido, atravessando Manuela. Se precisar... às ordens. Ele acarinhava a crina de Joaquim, um carinho árido e desajeitado. Demonstrava um apreço genuíno pelo animal, ainda que o fizesse de forma singular. Sabia que o Joaquim é o preferido da Dona Augusta? Sabia. Esse aqui é meu desde que sou criança. Às vezes trago aqui para dar uma volta. Me dá sorte. Amadeu parecia colocar reticência a cada frase proferida. Vicente e ele continuaram conversando, Manuela, concentrada em suas elocubrações, sequer os ouvia, mas não deixou de escutar quando o seu antigo algoz colocou o chapéu e montou em Joaquim.

Como eu disse antes, se precisar. E seguiu, como uma toada. Vicente olhou para a prima e sorriu. Manuela abriu a boca para revelar o segredo da avó, como se não mais suportasse o peso da descoberta. Seria precipitada, ponderou. A avó não merecia. Amadeu já rumava longe, Vicente e ela a olhá-lo em seu cavalgar. Ah, já foram. Augusta chegava do outro lado da janela, contida, mas internamente decepcionada. Queria afagar meu Joaquim. A avó estava plácida, rejuvenescida. Manuela nunca a vira assim, radiante. Augusta mirava-os, enternecida. Era apaixonada por eles, Manuela, enfim, desvendou. Ninguém no mundo sustentaria aqueles olhos marejados se não amasse. Era humana, afinal. Manuela sentiu uma inexplicável empatia, simpatia e comiseração por aquela desconhecida senhora. Que fosse feliz.

Os dias desenrolavam-se na fazenda. Um após o outro, as folhas de calendário interruptas, uma derrubando a outra, sedentas por sua vez. Manuela virara uma sombra, opaca, na sala escura, pelos cantos. O casarão continuava a respirar com sua monocórdia normalidade. Jamais vira novamente Amadeu. Amália ainda rogara uma ou outra praga, garantindo que a vida de Taís e do bebê seriam erradicadas no parto. A irmã, por seu turno, perdurava com seus comentários irônicos e desafiadores, mas o seu sorriso malicioso já não escondia um certo temor. Manuela temia também. Seria a responsável pela vinda dessa criança ao mundo. Não poderia contabilizar outra perda. Vagava pelos corredores, introspectiva, sem fantasias, sem sonhos. Ainda que não fizesse sentido ficar lá, já não sabia se deveria voltar. O que a esperava? Qual era seu lugar no mundo, afinal? Os dias preenchidos por toda a sorte de questionamentos transcendentais e funestos. De Cauã, nenhuma notícia. Quem sabe por isso também Taís andasse um pouco murcha. Faltou coragem de perguntar para alguém do paradeiro do índio. A carne ressentia a falta de seu peso, mas com o passar das horas, até esse vazio era aplacado. Cauã a distraíra, com maestria, de seus monstros. Agora, sem ele, era obrigada a en-

cará-los. As tardes já não tinham o colorido de seu olhar e Manuela imergia no duro cinza de seu passado e incerto futuro. Sequer passeava pela mata. A dolorida lembrança. O sol também se escondera, resignado com a apatia da amada. Manuela se via congelada naquele casarão, sufocada pelo mormaço que a consumava, mesmo protegida pelas paredes externas. Ela toda fervia, abafada. Ainda que sentisse os minutos mortos, como se alguém os tivesse parado, sabia que o tempo corria destemido, derretendo a neve que lhe aprisionava na terra. Oxímoro inconciliável, a vida pausada ali dentro, mas irrefreável da porta para fora. A barriga da Taís, cada vez mais baixa, não negava. Foi em uma tarde próxima que a avó deparou-se com ela recostada em algum sofá, inerte, tal uma paisagem. Mais uma vez, tomada pela imagem da folha parda de letras pretas. Assinou-o com a letra falha, trêmula, denunciando seu caráter gelatinoso e incerto. Como contaria, algum dia, para algum residente, que era uma assassina? Aquele era o atestado de sua incompetência, seu nome e sobrenome estampados denunciariam, eternamente, as horas de terror vividas no centro cirúrgico. Ela tentou, ah, céu, tentou. Mas era tão minúscula e fraca diante do poder da morte, que se deixou desistir e assistiu aos últimos batimentos daquele velho, cansado e doente coração. Ele se foi com um suspiro, eu podia ter insistido mais. Manuela, minha neta, você precisa parar com isso. Você não é Deus, Manuela, pare de se culpar. Manuela ajeitou-se no acolchoado, sentindo-se desconfortável. Os olhos bem abertos, o susto do inesperado. Ele ia morrer de qualquer jeito, em sua ou em outras mãos. Você fez tudo o que podia, não fez? Não o medicava, não o consultava, não chegou até a prevenir a família de quão complicada a cirurgia era? Foi uma fatalidade, mas nada podia ser feito. Aceite, você, como eu, como qualquer um, é humana. Não se pode ser perfeita sempre. Demorou alguns minutos após a saída de Augusta para Manuela entregar-se a um choro compulsivo. Não fora sua culpa, ela sabia. Mas fora sob seus cuidados que aquela pobre vida esvaíra-se. Era

a médica de confiança daquele senhor de 85 anos, prometeu zelá-lo, prometeu que ele voltaria ao convívio dos entes. Doutor algum quisera operá-lo, visto os riscos. Ela tomou para si aquela dor. Ganhara, de recompensa, a maior dor que jamais pensou suportar. Nunca pensou que talvez fosse um designo divino, uma vontade celestial aquela partida. Pensava-se dona da vida. Ainda que os mestres, antigos professores, até colegas a tivessem advertido sobre os riscos da profissão, ela só desfrutara, até então, das delícias. A ilusão ruiu. Somos todos mortais. Um dia, talvez, aceitasse isso.

Foi de madrugada, poucos dias depois. A casa foi acordada por gritos. De dor, de medo, de desespero. Manuela levantou em um sobressalto. Os mesmos gritos que escutava à época da residência. Eram urros inconfundíveis. Não adiantaria se esconder, a avó viria procurá-la e arrastá-la até Taís. O clima abafado era opressor. O calor sufocava. Seria difícil. Escolhera cardiologia também por vocação, amor, talento. Mas porque não se via trazendo vidas ao mundo. Só gostaria de salvá-las. Às vezes, nem isso. O senhor agonizante, o coração fraco, parando de bater em suas mãos. A carne rija dos olhos. A família do lado de fora, unida como nunca. Não estaria preparada para um novo óbito. A alma, sublime e flébil, despedindo-se do velho corpo. Um ar etéreo e diáfano. A dimensão inefável da morte e a fragilidade do existir já a haviam atassalhado, não suportaria mais essa carga. A linha branca reta, a imagem preta. Não podia chorar, não podia chorar. Era hora de enfrentar a temida vida.

Preparou-se com rapidez. Uma tempestade grossa era despejada do céu, como no dia do amor na sala. Os gritos imiscuídos às trovoadas, a luz azulada atravessava o vidro. Impecavelmente, como se fosse entrar em seu templo, o centro cirúrgico, fez a assepsia das mãos, lavando-as com esmero. Prendeu os cabelos, tomou um gole longo de água, alongou-se. A caminho do quarto de Taís, imagens coloridas e distorcidas, como em uma psicodelia alucinógena, roubavam sua concentração.

A mãe. Cauã. A irmã. A mãe morta nas mesmas circunstâncias, durante um parto ali mesmo, naquele cenário. A vida de sua mãe furtada por aquela menina, que agora lhe tirava também o homem. O velho que fora de suas mãos. Manuela chegou sôfrega a seu destino. Margarida, aflita, secava o suor abundante que brotava dos cabelos de Taís. Graças a Deus, dona Manuela, que a senhora chegou. Tentei chamar dona Augusta, mas bati, bati na porta e ela não atendeu. Deve estar dormindo, detestava ser acordada. Se não acordou com esses urros, não seria com palmadinhas na porta, pensou Manuela, mas não falou. A compleição de Taís era lastimável. Possuída pelas dores do parto, a irmã contorcia-se, desesperada, sacudia os pés, rangia os dentes, os cabelos molhados cobrindo sua visão. É muita dor, Manu, é muita dor, eu vou morrer. Me salva! Me salva, me salva, me salva, ecoava por toda a fazenda. Se tivesse tempo para ironias, Manuela lembraria das vezes em que a irmã se orgulhou de seus predicativos, fêmea, fértil, parideira. Naquele instante, Taís era a menor das mulheres, frágil, indefesa. A menina que ainda era. Tentou manter uma serenidade inexistente em sua voz, Taís, presta atenção, vou precisar da sua ajuda. Vou te examinar, calma, vai doer um pouco. Constatou que já se somavam 9 centímetros de dilatação, as contrações ritmadas, a barriga rígida a cada minuto. Não podia mais postergar. Margarida, por favor, traga uma bacia com água, uma tesoura nova e toalhas limpas. A empregada saiu apressada do quarto, enquanto a irmã recebia mais uma concentração. Queria acalmá-la, dizer que tudo daria certo, para que confiasse, vê, que milagre, que coisa linda, é Deus, é a natureza, é você mulher, uma vidinha, um frutinho rebentando junto à primavera, um de nós, nosso sangue escorrendo pela areia do mundo, eu te ajudo, Taís, vai dar tudo certo. Quis, mas nada disse, fazendo-se de ocupada nos preparativos. Margarida voltou com o aparato solicitado, Manuela já posicionada. Taís, é agora. Quando eu contar três, você faz a maior força que for capaz. Ao sentir o ventre endurecido, Manuela pronunciou o temido numeral.

Taís agarrou-se aos lençóis, vergou para frente e impeliu, olhos cerrados, com uma valentia desconhecida. Margarida rezava baixinho enquanto acarinhava a cabeça da menina. A mamãe morreu, filha, o pai disse, Ísis deitada em uma cama, a coberta imaculada a cobrir-lhe o corpo vazio. Seria a família toda predestinada a isso? Para florescer, há de morrer. Vamos lá, Taís, mais uma vez. Detestou conhecê-la. Cabeluda, bochechuda, a ladra da mãe. Uma era a outra, tão iguais. Que pena merece quem leva a mãe da gente? Um, dois, três. Força, força, irmãzinha, já coroou, já estou vendo o cabelinho, estou sentindo o meu sobrinho, só mais um pouco. Margarida, emocionada, amparava a mão de Taís, que pálida, parecia fraquejar. Não daria certo mesmo, Cauã e eu, nada como um bebê para nos separar, como sempre. Vamos lá, irmãzinha, você está indo muito bem. Manuela estava encharcada de adrenalina, os dados em sua mão, dois corações sob sua égide. Era dona daqueles batimentos, naquele momento. Dois pequenos órgãos pulsantes à sua mercê, dependentes dela, de sua inspiração. Está quase, Taís, mais uma vez, mais uma vez. Manuela, finalmente, retomava a vida, era dona da vida, sentia-a na ponta de seus dedos, não deixaria escapá-la, a irmã e o bebê súditos de sua majestade. Taís, como que possuída, os olhos rebuliços, esticou-se na cama, o lençol puxado com violência, mais um grito visceral, orgânico, selvagem rompendo a mata. A força que fez seria capaz de calar-lhe e a vida.

Como uma noite escura de céu límpido e sem estrelas, ele nasceu. Veio ao mundo berrando, os pequenos pulmõezinhos inflados de ar e de vida, o desespero de respirar, a vontade de se fazer ouvir. Os caracóis negros ainda ensanguentados, a cabecinha unvida pelos líquidos do parto. Era um bombom rechonchudo e saudável, de pernas roliças e bochechas cheias. Taís, encharcada de suor, deixava as lágrimas rolares em meio a risos descontrolados. Segurou seu menino no colo, uma felicidade única e legítima a fazia mãe. Foi um encontro definitivo. Manuela, fisicamente esgotada, também transbordava. Alívio,

certeza, plenitude. Todos sentimentos múltiplos e pacificadores. Conseguiu. Margarida, em êxtase, amparava mãe e filho, e Manuela aproveitou para se ausentar. Precisava de um banho. A água que lavava o corpo fatigado era a mesma que exterminava os resquícios de culpa e torpor que residiram em seu organismo por todo tempo. Enquanto a espuma de um sabonete de mel e aveia perfumava seu corpo, Manuela sentia-se renascendo. Era muito real, para ser só uma miragem – sentia o velho Francisco despedir-se, enfim, da Terra, finalmente libertado, desligado das correntes de amargura que ainda o ligavam à carne. Ele precisava partir, ela compreendeu. Apertou bem os olhos, recebendo os jatos quentes como quem é libada por dádivas. Podia vê-lo sereno, feliz, corado, até. Ambos, finalmente, cumpriram seu destino. Adeus, seu Francisco. Vai em paz. Desejou em silêncio, a felicidade era uma prece. Assim é o ciclo, filosofou. Há de se morrer, há de se viver. Hoje foi dia de vitória. Estava no comando, novamente. A mão abençoada que traz à luz um novo sonho. Teve, neste instante, uma pequena epifania. Amália finalmente seria mãe. Engravidaria na noite seguinte, os óvulos também alforriados, o útero receptivo. O leito outra vez ocupado. Seis, sete crianças a inundar o casarão com sua algazarra. Deus perdoa os loucos.

Renovada, após desligar o chuveiro, Manuela vestiu-se, penteou os cabelos, até ousou uma leve maquiagem. A noite ainda não terminara. Nem suas funções de médica. Precisava ir até o quarto de Taís, passar visita aos pacientes. Nunca os tivera tão queridos. Uma tranquilidade inédita emanava pelo corredor. A paz que reina após as furiosas batalhas, o cheiro infantil de recém-nascido a suavizar a escuridão devoradora. A porta estava entreaberta, Taís e o pequeno deitados, em um idílio materno que Manuela pensou jamais presenciar. Olhou a cena de frente, a irmã a afagar o sobrinho como uma fêmea a acocar a cria. No criado-mudo, um retrato da mãe. Achou-as, mais uma vez, parecidas. Ficou admirando-a, até que percebeu. Ela era parecida com a mãe, também. Não de um modo

óbvio. Mas as semelhanças estavam ali, sempre estiveram. Obrigada, irmã, você salvou minha vida. Taís, resplandecendo doçura e generosidade, agradeceu-lhe com voz fraterna. Manuela retribuiu com um sorriso terno, sincero, de quem deixa para trás o peso do universo. Sentiu-se inexoravelmente ligada à irmã. Irmã, que palavra linda. Que menina linda, ainda que as olheiras da noite longa escurecessem seu rosto. Ah, Taís, o que você aprontou, sua danadinha? Bem, já estava feito. E, por hora, estava tudo bem. Aproximou-se dos dois, espiou o pacotinho ninado pela irmã. Preferiu nem tocá-lo, não queria macular aquele momento. Deslizou pelos calcanhares, seguindo sua jornada. Alguém muito especial também precisava ser restituída de seu valor. Foi ao quarto da avó, a porta cerrada. Como em outra noite, afastou-a delicadamente, adentrando silenciosamente o esplendoroso cômodo. O breu a escondia. A avó, sozinha, dormia. A respiração era pesada, fora poupada do tumulto da madrugada. Empregado algum podia entrar naquele aposento, nem para comunicá-la do nascimento de um bisneto. Manuela, por um instante, pensou na ordem como um alívio. Depois, refletiu. A avó deveria saber. Disso também. Quanta sabedoria, quantos mistérios guardavam aquele peito. Pena e agradecimento entornavam dos olhos de Manuela. Grande mulher, pobre mulher. Beijou a própria mão e levou-a ao rosto vencido. Obrigada, vó. Pela primeira vez, discordou do pai. Não era uma bruxa, não dessas convencionais. Talvez uma bruxa com coração de fada. Velou por mais alguns minutos seu sono ainda tranquilo e afastou-se. Ainda havia mais um lugar para ir.

Ela sabia que o encontraria lá. Não era uma certeza racional, como se houvessem programado. Era um conhecimento que já tivera outras vezes, inspirado sempre por ele. Ele sabia como comunicar-se com seu coração sem ao menos fazer-se presente. Depois de dias de vácuo e ausência, que mais lhe pareceram uma estação inteira, como uma revoada de pássaros coloridos a anunciar a boa nova, ela recebia a mensagem te-

lepática que poderia vê-lo novamente. Saiu de casa, determinada, os passos decididos de quem ruma a seu lugar. A noite, como a abençoá-la, cessou a tempestade, e apenas o denso céu marinho fazia peso sob seu corpo. Não havia nenhuma estrela brilhante a guiá-la, apenas o véu plúmbeo a descortinar seus sentimentos. A mata parecia mais hermética à noite, árvores frondosas, bichos escondidos, os sons do campo como trilha de fundo. Escutou o riacho escorrer baixinho, o barulho que tanto a acalmara outras vezes agora a acendia. Aproximou-se, as águas quase paradas eram um berço plácido. Parou em frente, olhos ansiosos, coração arritmico. Como uma lenda, uma magia, um personagem fantástico, ele ergueu-se, subindo à superfície. Seu corpo todo molhado, as minúsculas gotinhas gordas a reluzir pela extensão, delineando os músculos inchados. A pele estava ainda mais bronzeada do que da última vez que o vira. A carne caramelada, a tez de canela a brindar os sentidos com o açúcar imiscuído em seus próprios pelos. Passou alguns momentos com o rosto fechado, os lábios grudados e a expressão séria. Viu-a, olhou-a, tornou a reconhecê-la. Finalmente, sorriu. Fez-se dia na alma de Manuela, o espírito iluminado, gáudio. Seu índio, seu menino. Cauã estendeu os braços, convidando-a. Desfazendo-se dos tecidos que a envolviam, ela aceitou a mão do curumim e juntos, mergulharam no azul profundo.

Foi um amor diferente, talvez por ter sido, pela primeira vez, amor. Exploraram-se sem pressa, sem desespero, mas cálidos, cúmplices. Beijavam-se longa e demoradamente, os lábios a redescobrir as notas de amêndoa. Como sentira falta dessa eletricidade que acometia cada célula sua ao toque peluciado de seu índio. Agora, contudo, a energia não a zoomorfizava, não virava um bicho, fêmea em perdição, selvagem fome e querer. Era ali, naquelas águas geladas, uma mulher, a doçura e os sonhos de um coração a se desvelar no corpo. Cauã parecia imanizado por ela, mas, pacto silencioso, ditava um ritmo menos febril ao encontro. Saboreavam-se, desfrutavam-se

com demora, sorvendo cada pedaço, as almas se fundindo. O índio deslizava a língua nos mamilos eriçados de Manuela, enquanto ela acarinhava a perna dourada, escorregando a mão de um modo a enlouquecê-lo. Os dois sentiam-se tão próximos que apenas o calor que os cindia seria capaz de excitá-los. O céu, como se fosse possível, escureceu-se ainda mais, como para envolvê-los em uma redoma, protegidos do mundo. Manuela mergulhava os dedos nos cabelos de Cauã, as pontas sensibilizadas com aquela textura macia e suave. Como queria que aquele momento durasse pelo tempo que vivesse. Cauã estava ofegante, era visível em seus cristais rútilos a necessidade de tê-la, mas soube esperar. Descobriu os pés da prima, massageou-os, engoliu os dedos pequenos como quem recebe um sacramento. Era devoto àquela mulher, dobrava os joelhos para contemplá-la, figura diáfana e sagrada, merecedora de sua entrega. Como um fiel diante de um altar, reverenciou-a, homenageando-a com todo prazer que mulher alguma jamais experimentou até aquela madrugada. Quando, enfim, Manuela conduziu-o para dentro de si, fez-se uma fenda no firmamento, tal força da luminosidade que irradiava daquele encontro. Se alguém mirasse o céu naquele momento, assistiria ao nascimento de uma estrela, brilhante, intensa, maviosa, soberana. O astro cadente foi a única testemunha daquele encontro, e foi também o fruto resultante daquele amor, para o mundo nunca esquecer que um dia dois corpos se fizeram um só espírito.

Depois do amor, banharam-se no rio. Não se separariam, não dessa vez. Não precisava, não havia sombras a afugentá-la, seus fantasmas destituídos do antigo poderio. Ficariam juntos por mais meia hora, pela eternidade. O céu já não tão denso, mas enevoadado, um cinza desbotado a anunciar que um novo dia estava prestes a romper, como se o Sol fosse abrir a capa escura que o camuflava durante a noite. Manuela não cansava de olhar o curumim, que mergulhava, nadava, brincava naquelas águas mornas de paixão. Queria conhecê-lo, entendê-lo, explorá-lo. O que você faria da vida, por que foge tanto,

qual é seria sua raiz? Ele teria respondido, se a prima houvesse verbalizado. Tudo o que me dá prazer, eu sou filho da terra, eu moro na mata, a natureza é o que me prende. E pensar que há dias o ciúme a admoestava, adegas afiadas a perfurar suas estranhas, delirante do sentimento de olhos verdes que nunca antes a acossara. Sentira-se nua, totalmente dominada e revelada pela sensação de poder e perda. Jamais estivera tão insegura, que tipo de provocação uma mulher tão jovem e tão envolvente como a irmã poderia semear em um indiozinho despojado, mas homem, como Cauã. Incrível como todo o formigamento e desconforto desfizera-se com o parto. A certeza a anestesiava suas contradições. Cauã fez um maneio de cabeça, sorrindo, aproximando-se dela. Era lindo, era especial. Por favor, diga-me qualquer coisa de persuasivo, de definitivo. Você sabe o que gosto em você? Manuela abriu bem os olhos, de assombro e de curiosidade. Você é pura. Pureza? Riu, tímida, descrente. Até horas antes, era apenas uma mulher iludida, leviana, competindo com a própria irmã, fêmea guiada pelos instintos. Eu sou pura? Sim, você tem uma pureza muito delicada, muito infantil. Você se acha tão inteligente, vivida, viajada, mas você não sabe quase nada, prima. Você não viu nada. Por isso você é pura. Guarde essa sua inocência, esse seu véu cor-de-rosa, eles são seus tesouros, sua dádiva. É por isso que se sente atraído por mim? Também. Vontade de te mostrar as coisas. Mas não quero machucá-las com as verdades, por isso. A continuação da frase ficaria ecoando no pensamento de Manuela. Quer dizer que ele a considerava arrogante? Cuidado, prima, nossa família tem algo de amaldiçoado, ou sagrado, não sei, quem saberá? Já reparou como as mulheres são estranhas? Entrincheiradas (nunca esperava ouvir essa palavra dele) em si mesmas, guardiãs de sentimentos. Amores proibidos, loucuras, mortes precoces. Você quer ser diferente, quer não pertencer. Mas está aqui. O sangue não cala. Ficaram se fitando, quando um pássaro cruzou pela mata, azul, bem azulzinho. Cauã não resistiu àquela beleza, a natureza clamando por ele, e foi atrás

do animalzinho. Manuela, resignada, conformada e feliz, entendeu. Saiu também do riacho, vestiu-se e foi embora.

Os primeiros raios solares já iluminavam o dia quando chegou ao casarão. Ninguém a encontraria naquele horário, os aposentos ainda descansando da noite tumultuada. Não sabia ao certo por que, talvez pela luz da manhã a já invadir o lar, mas pela primeira vez o percebeu mais aberto, mais claro. Ela também se enxergava mais fúlgida. O peso das correntes aneladas ao seu corpo entregues ao destino. A leveza a descansava. Não sentira sono, mas obrigou-se a dormir. O restante do dia exigiria suas forças. Aceitá-lo-ia, contudo, com abnegação. Sabia cada passo que a esperava dali em diante. Poupou-se de café, almoço ou refeições, quando acordou. O coração saciado, a alma ávida, desesperada por viver. Deveria arrumar as malas, chegara a hora. Olhou com demora o quarto que a abrigara por aquele tempo. Semana, um mês, um ano, talvez? Os dias pareciam liquefazer-se na terra sólida da fazenda. Já fora a época em que se fazia escrava de calendários. Se aprendera alguma coisa ali – e aprendera várias, tinha certeza – foi a condescender com o Deus Cronos. Ele, mais do que ela, do que seus planejamos infantis, que suas fantasias hiperbólicas, sabia como arrastar a areia do tempo. Julgou a decoração bonita, jovem. Com um pouco de boa vontade, aquele recanto seria lindo e aconchegante. De certa forma, ele que a acolhera em suas crises furiosas de choro e lamentos, e mesmo seus móveis coloniais possuíam algum calor para consolá-la. Começou a recolher suas coisas, perfumes, maquiagens, a foto do pai, peças de roupas rasgadas. O cheiro inesquecível da mata a impregnar cada objeto pessoal. Desconfiava que o olor já fosse emanado do próprio corpo. Foi até a escrivaninha, seus antigos clássicos a dar cores de sabedoria ao aposento. Alisou a capa de um livro, beijou um CD, folheou uma revista. Deixá-los-ia lá. Não diziam nada a ela, nunca disseram, afinal. A bolsa parecia diminuta, já não suportaria materiais excedentes. Quem sabe o filho de Taís os encontrasse um dia e fizesse bom proveito.

Manuela abriu-se para outro tipo de cultura. Percebeu que seu próprio apartamento necessitaria de reformas. Sorriu. Sentia-se disposta para realizar uma obra no mundo, se necessário.

Quando terminou se arrumar a bagagem, Manuela finalmente saiu de seu já saudoso quarto. Precisava ver o dia, respirar. Mais que isso. Precisava ver o Sol, a quem aprendeu a amar, com quem aprendeu a ser amada. Pensou que manteria eternamente aquela cor bronzeada que conquistara naqueles dias, tatuagem indelével de si mesma. Mesmo nas manhãs em que não o via, sua pele absorvia as irradiações do seu astro maior. Com seu poder irresistível, seu brilho derreteria em Manuela antigas amarras e a transformara, enfim, em mulher. Em nenhum outro local teria um contato tão íntimo com ele. Desejava ser, dessa forma tão particular, mais uma vez possuída por aquele calor. Preparou-se para o encontro como quem se arruma para ter com um amante. Chegou até a mata, o coração palpitante, a ansiedade a flutuar em seus olhos. Esticou-se novamente na relva, aberta para seu amor, quando, subitamente, sua luz foi eclipsada.

Vem, prima, vem comigo. Vamos fugir, vamos morar no verde. Há cores, texturas, aromas, sabores que eu quero que você viva. Nos alimentaremos de pitangas, jabuticabas, jacarés. Ninguém nunca mais nos acha. Jamais precisaremos sair. Vem, prima. Ficaremos juntos, nos amando nos rios e cachoeiras. Você é apaixonada pelo sol, eu sei, mas eu te apresento às estrelas, à lua, aos bichos, às plantas./ Manuela sorriu, deliciada. Sentia-se segura, confiante. Era lindo seu curumim. Só ele para intervir em seu amor e não irritá-la. O indiozinho conseguia se sobrepor ao seu Sol. Fitou, pela última, quem sabe, aqueles seus cristais. Tão puros, tão mágicos. Quis decorar os contornos, lembrar-se eternamente do contraste de tons em que se via refletida, ao céu, às águas. Eles guardavam uma nostalgia, mas uma nostalgia alegre, que a injetava de vida e coragem. Cauã lhe dera um presente profundamente sagrado e inesquecível. Ele agachou-se para selar-lhe os lábios, mas ela

puxou-o para si. Foi um beijo demorado, intenso, de agradecimento, de lembrança. Sorveu novamente seu mel, açúcar caramelizado, picadas de abelha em a pele, carnaval dentro dela. Observou-o, complacente, virar-se e seguir.

Deitou-se novamente na relva. Era assim que tinha que ser. Conseguia sentir o coração dentro do peito, seu ritmo leve e compassado, a tranquilidade de quem tem certeza. Depois de muito tempo, a saudade do hospital. Já, já. Agora, queria namorar um pouco aquela natureza que a deslumbrara e a modificaria. Passou a mão pela grama baixa, a textura áspera das folhas grossas pinicando sua pele. Taís roubara sua toalha verde. Tudo bem, ficasse de presente. Nunca dera nada à irmã, assim também deixaria na fazenda uma recordação sua. O Sol acenava-lhe, buliçoso. Estava ansioso, afoito, irradiando sua luz para seduzi-la. Manuela não mais resistiria. Abriu-se, estrela marinha, e entregou-se, mais uma vez, ao enlevo caloroso do astro, deixando-se abraçar e ser possuída pelos raios cintilantes.

Lembrou-se, enfim, da Tia Nara. Ela parecia uma sereia.

FIM



Miolo impresso em papel avena 80g, na cor preta e
capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores
Fonte: Família Figtree.

SINOPSE

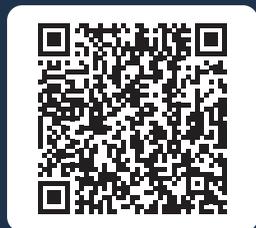
Conheça Manuela, uma protagonista feminina intensa e complexa, cuja jornada vai desvendar camadas de coragem, resiliência e paixão. Em um mundo repleto de desafios e escolhas difíceis, Manuela se vê diante de um labirinto de emoções e situações que a farão questionar tudo o que pensava saber sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor.

A AUTORA

Palavrista. Sou uma devota das palavras e dedico minha vida a elas: criá-las, corrigi-las, inventá-las, abrilhantá-las. Atuo como escritora de ficção e não-ficção, produtora de conteúdo, ghost writer, revisora e corretora de redações. Tenho paixão por textos e minha vocação é transformar ideias e sentimentos em histórias. Sou formada em Letras (UFPR), tenho mestrado em Literatura Feminina (UFPR) e sou doutora em Linguística (UFPR), na área de Análise do Discurso. Também tenho graduação em Tecnologia em Comunicação Empresarial (UTFPR). Lancei meu primeiro romance, "Raíssa", em 2020, pela Editora Inverso. No mesmo ano, fui contemplada pelo prêmio Outras Palavras, da Lei Aldir Blanc, e aguardo a publicação do meu segundo livro, "Manuela". Em 2023, dei à luz mais um romance, "Em busca de Atílio". Profissionalmente, tenho mais de 10 anos de experiência como corretora de redações e também como revisora de materiais diversos. Já elaborei apostilas didáticas e questões para provas e simulados. Edito livros e crio conteúdos diversos, como ebooks, postagens, sites, manuais. Participei de correções de textos de grandes processos seletivos. Sou professora particular de redação.

[ROMANCE]

Avalie nosso projeto.



ISBN 978-65-5422-109-2



9 786554 221092 >